



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

JOSTON DARWIN BORGES DA COSTA

**“DURMA COM ESSA” DA RÁDIO FACED WEB AO SARAU MUSICAL NA
ESCOLA: UM MEMORIAL REFLEXIVO DO PEDAGOGO-MÚSICO-
PESQUISADOR NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

Salvador,
2019

JOSTON DARWIN BORGES DA COSTA

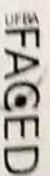
**“DURMA COM ESSA” DA RÁDIO FACED WEB AO SARAU MUSICAL NA
ESCOLA: UM MEMORIAL REFLEXIVO DO PEDADOGO-MÚSICO-
PESQUISADOR NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

Trabalho de conclusão de curso
apresentando como requisito parcial para
a obtenção do título de pedagogo pela
Universidade Federal da Bahia.

Orientadora: Prof. Dra. Urânia Auxiliadora
Santos Maia de Oliveira

Salvador,

2019



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

As dois dias do mês de dezembro de 2019 às 19 horas, na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, foi realizada a apresentação do Trabalho de Conclusão do Curso de Letras em Língua Portuguesa perante a Banca Examinadora composta pelos(as) Pedagogia

professores(as):

Memorinho Celso de Castro Romão e por mim

Karina Menezes professor(a)-orientador(a) do Trabalho de Conclusão do Curso

Uliana Divuladora Santos Mata de Oliveira

intitulado

"Dinâmica com essa" da Rádio FAGED WEB com Soraya Musical na escola: um memorial reflexivo do Pedagogia - música - pesquisadora no processo de ensino e aprendizagem

Após a apresentação a Banca Examinadora divulgou os seus pareceres avaliando o referido trabalho monográfico, concluindo que o mesmo foi

APROVADO com matéria 10,00 (dez). E nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada

e eu lavrei a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos presentes:

Salvador, 02 de dezembro de 2019

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado à minha saudosa mãe, Maria Bernadete Borges da Costa, por achar que devo dedicar a ela os frutos de tudo quanto empenho meus mais sinceros esforços.

AGRADECIMENTOS

A Deus e as forças que regem o universo, por espiritualmente me dar forças e concentração e paz para produzir este trabalho.

Aos meus pais Daniel da Costa e Maria Bernadete da Costa. Saudade eterna.

A minha orientadora que me orientou com grande maestria. Gostaria de agradecer imensamente pela generosidade. Obrigado Urânia!

Gostaria de registrar, também, o agradecimento aos colegas da turma de 2014 de Pedagogia pelas trocas de ideias e pela companhia. O riso foi nosso combustível!

A minha estimada banca, Professora Karina Menezes e Professor Menandro Celso de Castro Ramos, que foram meus professores na graduação. Aprendi muito.

Aos colegas que fizeram o Componente Estágio Supervisionado III comigo na Rádio através do componente curricular EDC – Estágio III. E, especialmente a Luciana que foi minha supervisora de estágio.

Ao amigo Roberto Martins que partiu para a morada eterna. Saudade. Obrigado por torcer por mim.

Aos amigo Anderson Rios Fontes, pelos conselhos durante a escrita.

A Cleotavio Canna Brasil, meu grande amigo pelos ensinamentos sobre a música. Uma inspiração para tocar violão.

As escolas com o seu corpo docente que me acolheu durante os estágios.

E por último, porém mais sentidos agradecimentos à minha família (Darlene, Darte, Maria Clara, Dailane, Jorge, Francisco) por serem aqueles que adiante de tudo e de todos que passam por esta caminhada, estão e estarão sempre no mesmo lugar

RESUMO

Essa pesquisa qualitativa com base na pesquisa ação e na pesquisa bibliográfica resultou na elaboração de um memorial que teve como objetivo refletir sobre a trajetória do pedagogo e músico para compreender o processo de criação do Sarau Musical Aquarela Nordestina. Baseado nas influências do rádio musical, (VICENTE e De MARCHI, 2014) e (COSTA e VIEIRA,2011) “O Durma com essa”, da Rádio FACED web ao Sarau Musical na escola, foi analisado de forma rememorativa, trazendo para a discussão, além das atividades desenvolvidas nos estágios supervisionados, particularmente I e III, seus desdobramentos e atividades artísticas no contexto escolar desenvolvidas pelo autor desse texto. Aliada as lembranças do relator da análise e avaliação do Sarau – é exposta a metodologia adotada pelo pedagogo músico-pesquisador, finalizando o texto com reflexões sobre a importância dos estágios como teoria e prática (PIMENTA, 2006) e das vivências artísticas (DUARTE JR. 1991) propiciadas pelo Sarau (TENNINA, 2017) na educação de jovens e adultos enquanto possibilidade lúdica de aprendizagem (LUCKESI, 2011) conectada a epistemologia da prática docente. Almeja-se com essa pesquisa estimular a reflexão sobre o lugar da arte na educação a partir da interferência do pedagogo, considerando a ludicidade e o prazer do fazer aprender. Espera-se com esse trabalho provocar outras pesquisas mais aprofundadas no âmbito da academia e estimular a discussão sobre a atividade artística, nesse caso o Sarau, como parceira da práxis do pedagogo no contexto educacional formal.

Palavras-Chave: rádio, música, estágio, sarau, educação de jovens e adultos, aprendizagem.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 2.....	10
2 “DURMA COM ESSA”: UMA ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA, REFLEXIVA SOBRE O PROCESSO CRIATIVO DESENVOLVIDO A PARTIR DA MÚSICA E DO RÁDIO NO ÂMBITO DA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO, MÚSICO E PESQUISADOR.....	10
2.1 Um breve histórico sobre a relação entre Música e o rádio e suas influências na educação.	11
2.2 Eu, o rádio e a música: a descrição analítica e reflexiva sobre o processo do “Durma com Essa”	17
2.3 O rádio e a música como elementos estimulantes do processo de aprendizagem: um impulso para o estágio supervisionado I.....	23
CAPÍTULO 3.....	29
3. OS ESTÁGIOS NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFBA E A FORMAÇÃO DOCENTE.....	29
3.1 O estágio e sua importância para a formação docente.	30
3.2 O papel do estágio supervisionando na minha formação docente.....	34
3.3 O estágio supervisionado I no curso de pedagogia da FACED e a minha atuação de observador.....	38
CAPÍTULO 4.....	45
4. DO RÁDIO AO SARAU MUSICAL UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA ARTÍSTICA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO I.....	45
4.1 Definindo a metodologia e apresentando o sarau aquarela nordestina no estágio supervisionado I.....	45
4.2 Avaliando do sarau aquarela nordestina enquanto possibilidade lúdica de diálogo entre a teoria e prática.....	52
4.3 Análise e reflexão sobre a prática artística no contexto escolar como estímulo para a aprendizagem.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	64

1 INTRODUÇÃO

O trabalho que aqui se apresenta tem como objetivo, descrever o processo de criação desenvolvido a partir das influências do rádio e da música durante a apresentação e elaboração do roteiro do programa “*Durma com essa*”, da Rádio FACED web que culminaram na idealização do *Sarau Musical Aquarela Nordestina*. Esta prática no Estágio Supervisionado III contribuiu para uma série de reflexões sobre a minha relação com o rádio musical desembocando numa proposta de intervenção na realidade escolar que se traduziu na apresentação de um Sarau Musical na escola. A ação educativa exige um trabalho diferenciado com as novas gerações que cada vez mais chegam à escola com diferentes estruturas cognitivas. O sarau é um movimento destinado ao encontro de pessoas que desejam dialogar, conhecer, experimentar e compartilhar saberes, seus dotes artísticos. O público alvo foram os estudantes da Educação de Jovens e Adultos¹, sujeitos de culturas e comunidade em geral. O presente memorial pretende responder quais estratégias e ações metodológicas foram utilizadas por mim nesse processo de criação que visam estimular o processo de aprendizagem.

O memorial é um retrato crítico do indivíduo visto por muitas facetas através dos tempos o qual possibilita inferências de suas capacidades. Ademais, me dá a possibilidade de conjecturar de forma mais autoral sobre a influência do rádio e da música na minha formação enquanto músico pedagogo visando à construção de propostas pedagógicas que sejam lúdicas a exemplo do sarau, assim como refletir sobre a importância dos estágios supervisionados para a minha formação docente. Conforme Pimenta e Lima (2006), o estágio não pode ser encarado como uma tarefa burocrática a ser cumprida formalmente. Dessa maneira, procurei fazer uso do arcabouço teórico apreendido nos componentes curriculares para pôr em prática a formação pedagógica dialógica obtida ao longo desses cinco anos no curso de pedagogia da UFBA para impulsionar minha prática docente.

A pesquisa se justifica, pois o rádio e o processo do exercício artístico do Sarau são potentes instrumentos de ludicidade e de aprendizagem na educação que se opõem a práticas pedagógicas mecanizadas. O Sarau chega ao Brasil com a família real, e passando pelo rádio, até hoje, o tempo não passou e as noites continuam enluaradas. Os seresteiros moradores e visitantes mantêm a tradição viva e recontada todos os finais de semana quando estou em Cruz das Almas/Ba, através das serenatas, serestas, espaços culturais, ou nas fazendas e pousadas, nas periferias de Salvador ou em qualquer lugarejo. “Em cada casa uma canção, em cada canção

¹ Não nos deteremos em avaliar o Programa EJA, pois não é esse o foco da nossa pesquisa.

uma saudade”. Esse é o slogan da Rádio Sarau em Conservatória na internet. O rádio me acompanhava no carro quando me dirigia aos estágios e à universidade, nos alto-falantes do meu bairro, sem ele a canção popular não se irradiaria. As primeiras músicas que aprendi no meu violão – parceiro inseparável de minhas aulas -, foram ao lado do rádio, ouvindo para aprender a melodia, escrevendo a letra para depois tirar os acordes.

Esse memorial reflexivo do pedagogo e músico deu-se enquanto cursava os Estágios Supervisionados, particularmente o Estágio III que se dá em espaços não-formais de aprendizagem quando fui indagado sobre minha relação com o rádio. A formação inicial do pedagogo e músico no que concerne a sua formação musical é fruto da minha vivência com a música, e o seu aprendizado está intimamente ligado a cena da expansão do rádio musical. Ademais, levando em consideração a Lei 11.769/2008, que torna obrigatório o ensino de música na educação básica, bem como as Diretrizes curriculares (DCN) para os cursos de Pedagogia (PARECER CNE/CP N° 5/2005) e demais documentos norteadores da Educação Básica no Brasil verifiquei que estes documentos norteadores preveem que o profissional pedagogo seja capacitado a trabalhar com música e demais áreas artísticas no seu cotidiano profissional.

Tomando por base a situação do ensino da arte nas escolas, minha maior inquietação enquanto estudante de pedagogia foi pensar em uma educação que considerasse a arte como uma área do conhecimento imprescindível para a formação humana. Nesse sentido, me questionei da seguinte maneira: como introduzir a arte na educação básica, não como disciplina curricular – isso cabe aos licenciados em arte -, mas como uma atividade lúdica e prazerosa possível ao pedagogo em sua práxis docente, promovendo uma apreciação artística natural e espontânea capaz de despertar o senso artístico dos estudantes, considerando a experiência artística do pedagogo? Tomando uma posição diante do tema, que por ser hipótese é uma resposta provisória, e que só a pesquisa esclarecerá, acredito que a introdução de atividades artísticas na escola como um Sarau Musical, pode promover uma apreciação artística natural e espontânea alavancando o processo de aprendizagem e, conseqüentemente despertar o senso artístico dos estudantes. Assim, o objetivo geral deste trabalho é refletir sobre as minhas práticas educativas pedagógicas nos estágios supervisionados, assim como analisar de que forma a música e o rádio foram elementos estimulantes para o processo criativo do Sarau Musical idealizado por mim como possibilidade lúdica de aprendizagem e de despertar do senso artístico dos estudantes. Como objetivos específicos fazer uma abordagem teórico-metodológica e reflexiva sobre o processo criativo desenvolvido a partir da música e do Rádio no âmbito de formação do pedagogo, músico e pesquisador; refletir sobre os estágios no curso de Pedagogia da UFBA e a formação docente; apresentar a vivência artística realizada no Estágio

Supervisionado I - Do rádio ao Sarau Musical uma prática pedagógica destacando a prática *“Sarau Aquarela Nordestina.”*

Este trabalho se configura como uma narrativa memorialística, com abordagem qualitativa reflexiva e ancora-se nas pesquisas Ação e Bibliográficas. A pesquisa qualitativa, segundo Trivinos (1987), tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento-chave. A mesma é descritiva e se preocupa com os processos e não simplesmente com o resultados. Já a pesquisa ação pode ser entendida, segundo Thiollent (2005), como uma forma de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico. Consideramos que a nossa investigação foi uma pesquisa ação porque esta consiste em promover condições para ações e transformações da situação dentro da própria escola permitindo superar as lacunas entre teoria e prática. Já na pesquisa bibliográfica temos o entendimento de que essa se caracteriza com base em material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos, Gil (2008). Nesse sentido, busquei investigar o material teórico sobre o assunto após a escolha do tema na forma exploratória. Dessa forma, utilizei de livros, dissertações e artigos científicos que investigaram as contribuições do rádio e da canção popular na formação do pedagogo e músico, assim como do sarau e da arte enquanto possibilidade lúdica de aprendizagem. A pesquisa bibliográfica fora escolhida em virtude de buscarmos as contribuições culturais e científicas do passado sobre o referido tema ou problema.

A fundamentação teórica desse memorial se deu a partir dos estudos dos seguintes autores Vicente e De Marchi, 2014, nas periferias do rádio (COSTA e VIEIRA, 2011), a importância do rádio para a educação (ANDRELO, 2012), (SAVIANI, 2013), (OLIVEIRA, 2018), da música na educação (PLATÃO, 2006), (ARISTÓTELES, 1990), (SHOPENHAUER, 2000), da ludicidade (HUIZINGA, 2012), (D’ÁVILA, 2006), LUCKESI, (2011), (GALEFFI, 2017) do sarau enquanto evento cultural e das questões sobre a Arte (TENNINA, 2017) e (DUARTE JR, 1991), da interdisciplinaridade que supera a fragmentação do ensino (LÜKC, 2013), e estágios e docência (PIMENTA, 2006) e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de (SARTORI, 2011) e (DI PIERRO, 2005).

O memorial se divide em Introdução, Capítulos 2, 3, 4 e Considerações Finais. No segundo capítulo no campo do pedagogo e músico, ou “Eu, o rádio e a música” ofereço um breve relato acerca da história e da divulgação musical radiofônica no Brasil a partir dos meados dos anos 40 e 50 testemunhados por minha família e que ajudaram na construção da minha formação musical sendo um impulso para o estágio supervisionado e do trabalho com música

No terceiro capítulo abordo a importância dos estágios supervisionados para a minha formação docente no curso de Pedagogia da UFBA explicitando os conceitos de prática e teoria e como compreendi a superação da fragmentação entre elas como forma de intervir na realidade da escola e da sociedade.

No quarto capítulo, apresento a metodologia do Sarau Aquarela Nordestina e sua avaliação enquanto possibilidade lúdica de aprendizagem, assim como a importância de práticas artísticas serem incorporadas pelas escolas.

No último, como conclusão que abre um leque de possibilidades o pedagogo e músico é evocado para levantar questionamentos sobre a importância de inserir práticas artísticas que elevem o processo de aprendizagem como forma de romper com a fragmentação do ensino cultivada na proposta do *Sarau Aquarela Nordestina*.

Almeja-se com esse trabalho contribuir para a reflexão da importância da inclusão de atividades artísticas na educação básica para a formação estética e para uma sensibilização artística a partir da atuação do pedagogo que, mesmo sem ser artista, pode estimular o gosto pela arte e oportunizar uma educação estética pautada na ludicidade e no prazer de aprender. Meu desejo é dar continuidade a essa pesquisa em nível de mestrado e dessa forma poder contribuir para a discussão sobre o papel do pedagogo e sua relação com a arte no contexto educacional.

CAPÍTULO 2

2 “DURMA COM ESSA”: UMA ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA, REFLEXIVA SOBRE O PROCESSO CRIATIVO DESENVOLVIDO A PARTIR DA MÚSICA E DO RÁDIO NO ÂMBITO DA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO, MÚSICO E PESQUISADOR

Nesse primeiro capítulo oferecerei um breve relato acerca da história e do cenário da divulgação musical radiofônica no Brasil nos meados da década de 40 e 50 do século XX. Parto da compreensão de que o rádio não apenas desempenhou um papel importante na consolidação da música popular brasileira ao longo do referido século, como continua a exercer um papel importante sobre seus rumos servindo também à educação. Essa influência do rádio na minha vida foi passada pelos meus pais, assim como o gosto pela música popular que se desenvolveu sob a influência do negro, do europeu, e do índio. A música pode contribuir para que nossos educandos interajam com seu mundo e com seus semelhantes expressando seus sentimentos e demonstrando a forma como percebem nossa sociedade. Dessa maneira, o “Durma com Essa” deu origem a uma busca por trazer essas minhas memórias do rádio e da música relacionadas com a descoberta e a criação de novas formas de expressão para a educação.

2.1 Um breve histórico sobre a relação entre Música e o Rádio e suas influências na educação

O surgimento da civilização de massa do século XX pautada no desenvolvimento dos meios de comunicação acompanhou a emergência de novas práticas culturais, ligadas a difusão, informação e à fruição de entretenimento. Ademais, a expansão do modo de vida urbano oriundo das grandes cidades brasileiras de meados do século XX foi influenciada, em grande medida pelas emissões radiofônicas através de programas jornalísticos, esportivos, humorísticos, de telenovelas, da publicidade e, principalmente, do repertório musical. Este último desempenhou grande importância na minha trajetória de vida enquanto músico, pedagogo e pesquisador conduzindo-me ao desejo de querer aprender a tocar um instrumento, de ser músico, e quem sabe ser ouvido no rádio, pois através desse repertório musical trazido pelo rádio alimentei o meu conhecimento de mundo, compreendi a diversidade de ritmos que permeia nossa produção musical e que conta muito sobre a história dos povos africanos europeus e indígenas que construíram na nossa civilização.

Pois bem, no caso brasileiro, a chamada “Era do Rádio” se estendeu, isso desde a redemocratização em 1945 até a década seguinte quando a televisão passou a concorrer com o rádio pelas verbas publicitárias. O repertório musical consumido localmente por nossos ouvintes era identificado como música popular, num sentido geral contribuindo para o uso de novas expressões linguísticas ou o dançar de ritmos musicais. Dentro desse contexto merece

ser citado o concurso Rainha do Rádio que, promovido pela associação brasileira de Rádio entre 1937 e 1958 deu Grande impulso à consagração de cantoras como Linda Batista, Marlene, Dalva de Oliveira, Emilinha Borba, Ângela Maria Dóris Monteiro. Vicente e De Marchi esclarecem que:

O sucesso desses cantores não se devia apenas às suas vozes transmitidas pelo rádio como também a um conjunto de publicações especializadas em música e entretenimento (jornais e revistas) que traziam novidades da indústria da música e da vida pessoal dos cantores e cantoras, seguindo ainda que de forma modesta, o modelo Hollywoodiano do star system (VICENTE e DE MARCHI, 2014, p.15)

Assim, de acordo com Martin-Barbero (*apud* COSTA; VIEIRA, 2011) os programas de rádio promoveram uma espécie de “mestiçagem cultural”, que no campo musical, encetou combinações de elementos folclóricos, eruditos e massivos. Por outro lado, ainda de acordo com Costa e Vieira, os ouvintes dos programas compradores de discos e frequentadores de auditórios das emissoras, contribuíram ativamente para a orientação e o sucesso das novidades musicais lançadas à época. No meu caso não foi diferente, pois herdei vários desses discos da minha família o que me ajudou a criar um repertório de música popular. Orlando Silva, Silvio Caldas, Francisco Alves eram os ídolos de meu pai e estrearam na Rádio Nacional acompanhados por um sanfoneiro chamado Luiz Gonzaga que foi mais adiante, um grande divulgador da música e da cultura nordestina e tema do *Sarau Aquarela Nordestina*.

Ao mesmo tempo a grade diversa de programação, voltada para diferentes tipos de público, permitia ao rádio alcançar diferentes estratos da sociedade, equalizados na condição de consumidores da cultura de massa. Em minha cidade, Santaluz, também a terra dos meus pais, ouvia-se a rádio Sociedade da Bahia: notícias, informação, música, aliás, era o único veículo que os mantinha informados, pois a televisão veio na década de 50 do século XX e ainda assim, poucos inicialmente tiveram acesso. No caso da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, há uma citação que me chamou a atenção² de Edgard Roquette-Pinto um dos fundadores da emissora, que diz:

O rádio é o Jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não sabe ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado (ROQUETTE-PINTO *apud* ANDRELO, 2012, p. 140)

²Essa citação também se encontra emoldurada na porta da Rádio FACED da Universidade Federal da Bahia, como um estímulo e incentivo para a valorização do Rádio.

Para Tavares *apud* Andrelo (2012), os ideais de Roquette-Pinto podem ser explicados pelo momento político e cultural da época. Os pronunciamentos de Roquette-Pinto trazem uma proposta voltada à elevação do nível intelectual educativo da população. Andrelo (2012) nos traz um slogan de Pinto que reflete bem esse intuito: “trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil”. Publicado na revista *Eléctron*, esse artigo intitulado “Rádio educação do Brasil” traça um plano para que cada estado tivesse uma rádio escola, totalizando vinte “poderosas estações”, isso em 1926. Interessante realçar que em 1932 o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nacional já pregava o uso de meios de comunicação na educação para alargar seus limites e raios de ação.

Assim, as escolas de qualquer grau devem reunir em torno de si as famílias dos alunos, os ex-alunos organizados em associações, desenvolvendo o espírito de cooperação entre pais, professores, imprensa e todas as demais instituições que possam, de algum modo, contribuir para a obra educativa”. (SAVIANI, 2013, p. 250)

Também a música esteve presente no rádio desde as transmissões pioneiras de Roquette-Pinto em 1923, através da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Com o aumento do número de ouvintes da emissora, a demanda pela produção musical para consumo de massa aumentou. Costa e Vieira observam que diversos ouvintes chegaram a escrever cartas a Roquette-Pinto sugerindo veiculação mais constante de música popular brasileira na programação (VIEIRA, 2011). Dessa forma a emissora, assumiu o papel de uma missão educativa civilizadora, cuidando tanto da valorização do folclore e da cultura musical do país quanto da elevação de sua qualidade artística eliminando alguns de seus aspectos mais rústicos visando a um público mais urbano e educado.

Por outro lado, a música popular ao longo de quase um século, no caso brasileiro, essa história não foi escrita e nem caberia fazê-lo nas limitadas dimensões desse texto que pretende apenas apontar a importância do rádio e da música na formação do músico pedagogo pesquisador. O rádio musical, hoje, apesar de destituído de sua autonomia, pois já é uma parte menor de um processo de curadoria de produtos musicais, apesar de todas as contradições, representou um importante momento de ativismo artístico e cultural durante o período de abertura política do país. O rádio me educou musicalmente. A formação musical que adquiri devo, ainda hoje, a ele que me ensinou a ouvir escrevendo as letras das músicas, a observar a pronúncia das palavras, a entender o contexto sócio-histórico das produções elevando meu conhecimento de mundo.

A educação musical por meio do rádio fez-me sempre selecionar as boas programações, estar atento a citação dos compositores e ao contexto das produções. Enquanto pedagogo procuro planejar atividades que envolvam músicas de diferentes épocas, de diferentes formas, de diferentes compositores a fim de tornar o trabalho mais interessante, despertando a motivação dos educandos para a pesquisa. Foi o rádio que me levou para a música numa época em que ainda não havia internet. O exercício da escuta, da melodia, harmonia, o grave e o agudo tudo isso através do rádio. O conhecimento histórico adquirido pelos meus pais mesmo sem serem letrados demonstra o poder do rádio como veículo de comunicação. Meus pais dialogavam, por meio da linguagem musical trazida pelo rádio, eles sabiam de memória a data dos discos e conheciam a história de vida dos cantores

Em minhas reminiscências das histórias de família e com a ajuda de alguns estudiosos, vi que a diversidade de interesses e de gostos dos ouvintes ia contribuindo, em contrapartida para orientar o variado conjunto da programação, que oscilava entre o propagar da cultura nacional (especialmente por meio da música), divertir e entreter os ouvintes e divulgar os nomes e produtos dos anunciantes. Rocha (*apud* COSTA; VIEIRA 2011) observa que a mesma sociedade desigual que vivia o período otimismo político-econômico da fase democrática pós 1945 se projetava na consolidação da cultura midiática capitaneada pelo rádio naquele meio século. E foi justamente neste período que começou a relação da minha família com o rádio entres as décadas de 40 e 50 do século XX.

Vale destacar, como nos diz Andrelo (2012), que o rádio serviu à educação, mas parece ter atendido com eficiência as concepções mais conservadoras como o processo centrado no professor-emissor, na transmissão de conteúdos estagnados e na avaliação que cobrava a memorização de aspectos pontuais do conteúdo ensinado. Impossível esquecer os longos discursos de Getúlio Vargas³ através da Rádio Nacional em que meu pai ficava com o ouvido grudado no seu rádio de pilha, aliás, ele adorava narrar às histórias e os feitos de Getúlio Vargas procurando reproduzir seus discursos. Ao acordar cedo, ele dizia: “Trabalhadores do Brasil!”, remetendo a Vargas.

Este, por sua vez, também instituiu nas décadas de 40 e 50 do século XX a Universidade no Ar, um programa radiofônico lançado em 1941 por essa mesma Rádio Nacional visando

³Getúlio Dorneles Vargas foi presidente do Brasil em dois períodos: o primeiro entre 1930 e 1945 e o segundo entre 1951 e 1954. Proferia seus célebres discursos na Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Suicidou-se na madrugada de 23 para 24 de agosto de 1954

oferecer orientação metodológica aos professores do ensino secundário, com cursos de Letras, Ciências Didática e Pedagógica, entre outros.

O rádio tornou-se nesse período, o veículo principal de divulgação de grande parte da produção cultural do país, especialmente, a música popular. Ainda de acordo com Costa e Vieira (2011), a recepção da música popular tornada massiva via rádio resultou na formação de experiências coletivas em que o público assumia ritmos, canções, e seus ídolos como ícones do consumo cultural. Todavia não podemos falar que esse amplo projeto modernizador se apresentou de modo uniforme. Houve variações entre o campo radiofônico e a sociedade dada às relações sócio-políticas-econômicas locais, especialmente em regiões distantes dos grandes centros da indústria cultural.

Atualmente, a incorporação das mídias no ambiente escolar tornou-se um objeto de estudo que, cada vez mais, atrai pesquisadores. Nessa busca encontrei algumas experiências interessantes procurando fazer um link com a música. Trata-se da rádio escola composta de três tipos de produtos de educação à distância: série do professor, do aluno e do radialista disponibilizados pelo site do MEC 2006. Chamou-me a atenção a série de alunos, pois se trata de um material didático de apoio, elaborado a partir do tema cantoria de viola nordestina. O objetivo é informar o aluno sobre a origem, história, características e importância da cantoria de viola nordestina no contexto da cultura popular brasileira

Quando cursei o componente curricular *Tecnologias Contemporâneas para a educação* no Curso de Graduação em Pedagogia na UFBA apresentei um seminário em que discutíamos a centralidade que as tecnologias da informação e comunicação ocupam na sociedade e a necessidade de incorporá-las na educação, seja à distância ou presencial.

Entre as TIC, escolhi o rádio, pela penetração que, como expus anteriormente, tem no Brasil, pela influência que teve na educação de meus pais e por extensão na minha, e pela história de mais de noventa anos de ações pontuais educativas. Curiosamente, ao mesmo tempo, optei por estagiar na Rádio FACED WEB. A Rádio Educação da Universidade Federal da Bahia é parte do projeto de pesquisa do GEC – Grupo de Pesquisa em Educação, Comunicação e Tecnologias intitulado: *Do MEB à WEB: O Rádio na Educação* Coordenado pelo Prof. Nelson Pretto⁴ e conta com o apoio de voluntários e de bolsistas vinculados ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e financiados pelo Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A Rádio tem transmissão de 24 horas por

⁴Nelson de Luca Pretto Professor Doutor da Universidade Federal da Bahia-UFBA com Doutorado em Ciência da comunicação pela Universidade de São Paulo, USP, Brasil.

dia com programação musical, além de programas sobre inclusão digital, economia solidária, crônicas e variedades.

Em minha passagem pela Rádio da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, percebi que o uso do rádio na educação cria um canal de comunicação, de difusão cultural e de produção cultural, que ao valorizar a ludicidade, promove o “brincar” e o “criar”. Esse instrumento teve uma grande importância na educação de várias gerações de brasileiros. Mas, o uso do rádio na educação – depois que esse recurso foi desenvolvido na web passou a agregar outras funções com convergência de mídia. Oliveira diz:

Do ponto de vista histórico, a rádio tem uma grande importância, uma grande relevância na educação dos brasileiros, principalmente na educação de adultos. É historicamente sistematizado por vários autores só que contemporaneamente eu percebo que essa relação de importância ela perdeu muito de sua percepção ela foi desconsiderada, né? Pelos campos educacionais, principalmente pela formação de professores, porque acredito que a gente fica muito preso ainda em práticas educativas mais focadas em na educação tradicional até porque eu suponho que você conseguir uma estrutura de rádio nas escolas de modo geral, considerando o desconhecimento de gestores e professores em relação as técnicas e as formas de se fazer rádio, nunca ouve investimento nisso. (2018, p.78).

Assim, percebi que o rádio pode ser um grande aliado no processo de formação educacional. Já que os estudantes com quem tive a oportunidade de trabalhar ouvem rádio, ouvem música na internet, baixam suas músicas conforme suas preferências. Vejo assim um terreno próspero para a aprendizagem a partir do rádio. O aprendizado na RádioFACED web demonstra que a perspectiva do uso do rádio da educação mudou. Todavia, eu destaco as contribuições do rádio para a educação formal e enalteço a oralidade que precede a qualquer produção, seja na construção do roteiro da rádio, seja em outras produções. A competência da oralidade e daquilo que você ouve, então, o falar, o expressar, a oratória, todas as funções cognitivas que advém do processo da fala, da linguagem oral, ela tem um potencial através do rádio a ser desenvolvido quando se trabalha no viés da educação formal.

Sendo assim, realizei um sonho de ver na prática como operar este veículo de informação e as dificuldades de introduzir uma rádio na escola. As dificuldades são enormes, mas o aprendizado me demonstrou a importância dos vários atores sociais necessários que precisam interagir planejando o roteiro coletivamente tendo em vistas os interesses da comunidade acadêmica, dos educandos para formar cidadãos críticos, cidadãos conscientes, pessoas com sensibilidade estética, ética etc.

Então, ao elaborar o roteiro da programação do Programa “*Durma com Essa*” – um programa idealizado por alunos do Estágio Supervisionado III ao qual falarei mais adiante,

pensei: que tal uma rádio sarau já que a programação de uma rádio envolve arte, música, agenda cultural? Tudo isso perpassava na elaboração do roteiro. Dicas de livros, peças de teatro, cinema, poesia, música. O sarau é a reunião de tudo isso. Já pensou uma rádio sarau na escola? Com esse tipo de programação apresentada pelos alunos? A ideia do Sarau como instrumento lúdico de aprendizagem já me acompanhava, pois participo desses eventos em Salvador e Cruz das Almas/BA, porém os componentes curriculares a exemplo de Dimensão Estética, Arte-Educação, Recreação, cursados no curso de Pedagogia da UFBA me estimularam nesse processo de criação. Mas foi na Rádio da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia web, quando gravei pela primeira vez o programa “*Durma com Essa*” que escolhi escrever esse memorial contando minha relação com o rádio, a rádio educação web da UFBA, e o sarau musical.

Esse memorial me remeteu ao Professor Dante Galeffi⁵ (2017), quando o mesmo diz que a educação exige um trabalho diferenciado com as novas gerações, que cada vez mais chegam à escola com diferentes estruturas cognitivas. Essas atividades são formas de manifestação da ludicidade. A ideia de implantar um rádio na escola fora discutida com outro graduando em pedagogia. Este me falou da falta de estrutura das escolas, das enormes dificuldades também constantes na citação acima de Oliveira (2018). Mas, inspirado por essa programação da Rádio FACED da Universidade Federal da Bahia, eu pensei em discutir com a coordenação pedagógica como forma de plantar uma semente na escola em que estagiei. Se a rádio não é possível ainda, pelo menos um sarau artístico com música e poesia nós iremos organizar pensando quem sabe em sua futura transmissão pelas ondas do rádio. Basta um microfone, um apresentador, público ouvinte, alguém para operar o som. Muita música com pequenos relatos sobre os compositores e intérpretes, poetas, correio bilhete; dedique uma canção ou declare algo para quem você ama. Aliás, os alunos da Escola Padre José Anchieta “mandaram muito bem”.

2.2 Eu, o rádio e a música: a descrição analítica e reflexiva sobre o processo do “Durma com Essa”

A geração mais antiga, testemunha da “Era de Ouro⁶” teve no rádio a primeira mídia eletrônica com suas variadas possibilidades de informação e entretenimento. Os mais jovens,

⁵Professor Titular das áreas de Filosofia e Estética da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

⁶A “Era de Ouro” foi o período que compreendeu os anos de sucesso das emissoras de rádio. No Brasil, esse meio de comunicação ocorreu nos anos 40 a 50 do século XX até a chegada da televisão.

além de TV aberta e a cabo, dispõem ainda da internet como fonte de informação e entretenimento. Entretanto, a minha geração que chamo de intermediária, assistiu à chegada de outro tipo de transmissão radiofônica que privilegiou a música: o FM. Posso afirmar, e a minha experiência assim o demonstra, que ouvir rádio é uma tradição passada de pai para filho. Os que se declaram amantes do veículo afirmam que começaram a ouvir rádio quando crianças porque os pais ou familiares eram ouvintes frequentes.

Enquanto escrevo esse memorial, lembro que quando eu ainda era garoto, já havendo televisão, meus pais, avós e toda a família ouviam rádio. O jornal da manhã, as partidas de futebol narradas por José Carlos Araújo⁷ pela rádio Globo do Rio de Janeiro aos domingos, a rádio Itapoan FM com os hits do axé que impulsionavam a emergente indústria carnavalesca da Bahia. Começava a história de um jovem que através do rádio criou uma relação com a música popular. As primeiras músicas foram “Plunct, Plact, Zum” de Raul Seixas o Carimbador Maluco. Plunt, Plact, Zum foi um programa especial infantil exibido pela rede Globo seguindo a tradição de programas premiados que deram origem ao projeto: Vinícius para Criança: A Arca de Noé, A Arca de Noé dois e Pirlimpimpim

O programa primeiro de uma série de musicais infantis que a Globo apresentou no ano de 1983 foi resultado de uma criação coletiva. Também a gravação do cantor e compositor brasileiro Djavan com a turma do Balão Mágico em “Super-Fantástico” me envolvia num mundo de sonhos e fantasias. Esses programas foram muito especiais e me aproximaram de artistas e compositores como Djavan, Raul Seixas, Vinicius de Moraes, Toquinho e Luís Gonzaga. Este último, foi homenageado durante o *Sarau Aquarela Nordestina* que tive o prazer de apresentar aos meus alunos no Estágio Eupervisionado I.

Mas foi o surgimento das emissoras de FM na década de 70 do século XX que trouxe um modelo de rádio com programação voltada para a música com notas curtas de serviços, principalmente trânsito, tempo e transportes, além de notícias objetivas com segmentação de público algo que foi se perdendo com o tempo. Quando adolescente esperava o lançamento de músicas inéditas dos artistas nacionais e corria para comprar os discos. Os ídolos já eram outros: ídolos do rock como Legião Urbana, Ultrage a Rigor, e a lista foi aumentando com Paralamas do Sucesso, Blitz e Lulu Santos à medida que os anos passavam. Na verdade os anos 80 do século XX foram bastante férteis para a música nacional, mas uma canção de Gilberto Gil e

⁷José Carlos Araújo também conhecido como Garotinho é um locutor esportivo e apresentador de televisão brasileiro. Bastante conhecido por seus trabalhos em estações de rádio na cidade do Rio de Janeiro.

Jorge Bem no álbum Gil & Jorge: Ogum, Xangô (1975), já pronunciava: “Essa é pra tocar no rádio, essa é pra tocar no rádio, essa é pra vencer o tédio quando pintar, essa é um santo remédio pro mau humor, essa é pro chofer de táxi não cochilar, essa é pro querido ouvinte do interior [...]”. O carnaval baiano também anunciava que “e as ondas de rádio no Rio passando a bola pro trio incendiou o Brasil, e a filha da Chiquita Bacana disse mamãe eu não quero vou pra praça do povo, Caetano não espera já está falando de novo...” (Incendiou o Brasil, 1981 de Moraes Moreira e Zé Américo). O som do trio elétrico inventado pelos baianos Dodô e Osmar levava a música carnavalesca baiana pelas ondas do rádio até o desembocar do fenômeno da Axé Music que contou também com um impulso das rádios juntamente com as gravadoras.

Quando adentrei a fase adulta, já estava mais íntimo da Bossa Nova⁸, de suas histórias e da influência da música instrumental, assim como apreciando a música clássica. Nas minhas experiências como educador sempre trago a música para trabalhar interdisciplinarmente os conteúdos de língua portuguesa, história, geografia, ciências etc. Até mesmo na apresentação de seminários nos componentes curriculares como Arte e Educação, Recreação, Educação e Ludicidade, Antropologia da Educação, Metodologia de Geografia, do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFBA, a música esteve presente. Ao pensar o *Sarau Musical Aquarela Nordestina* também pensei em trabalhá-lo de forma interdisciplinar dialogando com os docentes de outras disciplinas conforme explicarei mais adiante, no IV capítulo.

Então, sempre que possível, a depender do tema e do contexto, a música como elemento lúdico sempre está presente para romper com algumas práticas pedagógicas mecanicistas. Venho de uma educação rígida dominada pela Pedagogia do Exame que visava a obtenção de notas para aprovação/reprovação (LUCKESI, 2012). No componente curricular Avaliação da Aprendizagem, pude refletir sobre aqueles critérios de avaliação que desconsideravam as diferentes estruturas cognitivas, as inteligências múltiplas que todos nós trazemos. Não sou partidário do criticismo que impera contra a pedagogia tradicional que se posiciona contra as provas e as notas, porém, paralelo a estes instrumentos de avaliação, procuro estimular os educandos a vivenciarem a arte. Considero a música como um poderoso estimulante para o aprendizado dos conteúdos ainda essenciais à formação de todo e qualquer ser humano. Destaco que a música não deve ser concebida apenas como relaxante, para acalmar ou entreter, mas sim como linguagem visando o aprendizado e a reflexão crítica sobre o aprendizado.

⁸Bossa Nova é um gênero musical brasileiro que recebeu influência do samba e do jazz, surgiu no Brasil no final da década de 50 do século XX

Percebi através de relatos de educadores que as escolas que fazem uso do rádio na educação, a música entra nos intervalos para acalmar as crianças, jovens e adolescentes. Em minhas reflexões no “*Durma com Essa*”, acredito na possibilidade de uma rádio online em que os educandos criem a programação, escolha suas músicas com a orientação pedagógica dos educadores e quem sabe até, gravem suas próprias composições, pois muitos escrevem, cantam, tocam algum instrumento. O rádio e a música são poderosos estimulantes para a manifestação do elemento lúdico incentivando a descoberta de novos saberes e a criatividade.

A formação musical que obtive como músico-pesquisador deveu-se muito ao rádio. Tocar um instrumento, para mim é uma forma de expressão, mas educar para a sensibilidade é algo diferente, pois se trata de levar aquilo que a música pode oferecer à formação humana. Usar do poder do microfone ao cantar, seja entre amigos, ouvintes, seja nos saraus despertou em mim o desejo de estagiar na Rádio FACED, pois essa – como não poderia deixar de ser-, conta com uma programação musical. Já brincava de rádio quando imitava alguns locutores esportivos a exemplo de Marco Aurélio da Rádio Sociedade da Bahia, José Carlos Araújo da Rádio Globo, cantava no chuveiro imitando Moraes Moreira que gravou “escute essa canção que é pra tocar no rádio, no rádio do seu coração, você me sintoniza e a gente então se liga nessa estação...”, este foi o primeiro cantor do trio elétrico do carnaval da Bahia. Enquanto trabalhava na criação do roteiro para a programação do “*Durma com essa*” encontrei uma proposta intitulada de rádio sarau internet. Os saraus agregam diversos dados relacionados à arte. Eles ampliam os horizontes com perspectivas diferentes de construção e desconstrução do conhecimento.

Porém, enquanto cursei o componente curricular Estágio Supervisionado III percebi as dificuldades de se levar uma rádio ao ar. Mas, isso me desafiava na elaboração do roteiro e me contagiava quanto ao papel de locutor, roteirista, divulgador da agenda cultural, editor, algo que necessitava de uma pesquisa prévia, de um planejamento para levar a rádio ao ar e as palavras rádio e sarau não saiam da minha cabeça. Penso que o rádio dá voz a pessoas anônimas, assim como o Sarau também dá voz a poetas anônimos, músicos de rua com a ajuda da divulgação de rádios comunitárias como pude atestar na cidade de Cruz das Almas/BA. Da relação com o rádio e da vivência nos saraus contemporâneos com amigos, como explicarei mais adiante, surge a ideia de uma proposta que não se fecha aqui neste memorial, mas que ensejou o planejamento do *Sarau Musical Aquarela Nordestina* que teve a participação dos alunos da Educação de Jovens e Adultos do ciclo de Alfabetização e do ciclo do Ensino Fundamental do 5º ao 6º ano da escola que estagiei.

A importância da música na educação me remeteu a alguns filósofos que tive a oportunidade ler antes e durante a minha trajetória acadêmica no curso de Pedagogia da UFBA. Dentre estes, lembro dos autores que nos dizem que na antiguidade os sábios gregos exortavam para que se educasse a juventude com música com o intuito de se aprimorar o espírito e o corpo, pois a vida humana, segundo os mesmos, necessitava de ritmo e harmonia. Nossos antepassados recomendavam a música como Paidéia, como educação, cultura. Tratava-se de algo não necessário como ler e escrever, mas para gastar o tempo livre (HUIZINGA, 2012). Platão já no século IV avaliava a utilização da música na educação nestes termos:

[...] Não é por esse motivo, Glauco, que a educação pela música é capital porque o ritmo e a harmonia penetram mais fundo na alma e afetam-na mais fortemente, trazendo consigo a perfeição, e tornando aquela perfeita, se se tiver sido educado? E quando não, o contrário? E porque aquele que foi educado nela, como devia, sentira mais agudamente as omissões e imperfeições do trabalho[...]. (PLATÃO, 2006, p 74.).

Ainda de acordo com Platão, a música conduz à virtude, tal como a ginástica, é capaz de exercitar o corpo, alimentar a ética. A maior parte das pessoas faz música por prazer, mas os antigos lhe atribuíam um lugar na educação. Esse lugar na educação não pode ser como um passa tempo, ou relaxamento para acalmar os jovens e as crianças. A música deve estar presente visando educar para a sensibilidade, para o aprendizado da escuta, de valores sócios culturais. A música é bela! Lembro de quando saía com os colegas da Faculdade de Letras para apreciar o pôr do sol no Farol da Barra, contar histórias, recitar poesias onde cada qual pegava o violão e cantávamos até o entardecer. Aliás, o Sarau como explicarei mais adiante, é um termo oriundo do latim *serum* que significa justamente, tarde. Essa liberdade que aprendi nesses encontros foi cerceada pela escola. A escola tornou-se um lugar chato, não prazeroso, punitivo, e que priva os educandos do contato com a natureza. Aprender ao ar livre poesia, música, história da Bahia e do Brasil, geografia do lugar, ou seja, os conteúdos que trabalhei nas Metodologias de História, Geografia, Ciências, poderiam ser discutidos com nossos discentes ao ar livre, mas de forma pedagogicamente planejada.

Essas reflexões surgiam nas conversas antes e depois da gravação do programa “*Durma com Essa*”: um programa sobre educação, cultura, novidades acadêmicas e muito mais! - Como dizíamos na vinheta de abertura. Chamamos a atenção, logo na abertura, para que os alunos ficassem atentos a tudo que acontece na comunidade acadêmica. No nosso primeiro bloco o “De cara com o noturno”, tínhamos relatos, opiniões sobre assuntos de interesse geral da nossa comunidade. Sabia das dificuldades do curso noturno logo quando entrei na FAGED UFBA, em agosto de 2014. A biblioteca já estava fechada assim que chegávamos, não havia eventos à noite: palestras, seminários, ou seja, perdíamos o que havia de mais importante na universidade.

Depois de muita luta, com o apoio de professores e da comunidade conseguimos várias vitórias para os futuros discentes. Hoje, a biblioteca encontra-se aberta à noite e há vários eventos de integração, seminários, palestras, para contemplar os estudantes do noturno. Dessa forma, o primeiro bloco “*De cara com o noturno*”, é um reconhecimento a esse público, que muitas vezes chega estafado do trabalho: a maioria de mulheres, mães, mas que nunca deixaram de sonhar com uma universidade pública buscando ascender socialmente através do conhecimento.

Para encerrar esse primeiro bloco, tínhamos o quadro “*Poesia no Escuro*”. Dizíamos: “traga sua poesia, grave conosco. Vamos lá!”. E lá estava eu atuando como locutor de rádio, aqueles locutores que eu ouvia quando era criança vinham a minha memória. Nossa, eu estava gravando vinhetas, depoimentos, colocando músicas no ar, dicas da agenda cultural! Tudo que eu ouvia do outro lado e não imaginava como se dava esse processo. Quantos poetas anônimos temos em nossa faculdade? Precisamos incentivá-los, tudo é questão de oportunidade, por isso a importância do “*Poesia no Escuro*”. Acredito que o rádio dá voz a esses poetas anônimos, assim como o sarau, pois ambos fortalecem identidades e o posicionamento dos sujeitos pensantes. Enquanto gravava os depoimentos dos discentes do noturno, essas inquietações vinham à minha cabeça, pois o rádio na educação dos graduandos em Pedagogia possibilitava a manifestação dos estudantes a respeito da forma como estes veem a universidade de uma forma lúdica. Por outro lado, o Sarau também é uma forma lúdica de expressão que incentiva a manifestação artística e cidadã dos estudantes, professores (sim, estes também são poetas, músicos). Lembro de quando vi esses poetas anônimos no Sarau “Cavalo-do-Cão”, em Cruz das Almas, Bahia (este nome refere-se a uma vespa caçadora que produz grande quantidade de veneno) onde gravávamos esses momentos em que os poetas declamavam, cantavam e tocavam alguns de origem desconhecida.

Dessa forma, o Rádio e o Sarau tornaram-se para mim dois relevantes instrumentos de manifestação do lúdico que dialogavam durante esse processo de construção na Rádio Faced. O Estágio Supervisionado III na rádio FACED foi algo que me fez ver o estágio como um instrumento pedagógico que aproximou teoria e prática, pois envolveu reflexão e intervenção na realidade da rádio que tem reflexos na comunidade acadêmica que passa a conhecer melhor este potente instrumento educativo. Ademais, a partir dessa experiência lúdica que envolveu criação, representação, produção de texto, surgiu a possibilidade de pensar em outras propostas que também trazem o lúdico como instrumento de aprendizagem a exemplo do Sarau que pode ser gravado para que os estudantes ouçam e façam o registro de suas próprias manifestações e produções com a orientação pedagógica dos educadores.

Depois dos depoimentos, era à hora de escolhermos as músicas. Então eu perguntava: vocês conhecem o site jamendo.com? Eu explicava que neste site se poderia obter músicas, músicas instrumentais de todos os estilos e com licença livre.” Acesse e descubra novos artistas!”, dizia. No Sarau que participo, lembro que vários músicos desconhecidos chegam, pegam um instrumento e tocam suas próprias composições, ou de outros artistas consagrados. No último programa gravado eu destacaria a música “Pra minha sorte” de Tiago Rosa, “Meu próprio carnaval”, deste mesmo compositor, “Balança” de Wallace Carvalho, banda Fluxo, e por último “Curvas”, de Zé Neto, por Túlio Borges. A agenda cultural também era acompanhada com um fundo de música instrumental onde dávamos dicas do cinema da UFBA que fica na sala de arte e no “*Fica a dica de hoje*”: livros, palestras, seminários, eventos, shows, teatro, enfim, tudo que acontece na cena cultural baiana.

Apostando na semelhança entre o Rádio e o Sarau, na possibilidade de provocar a imaginação e a criatividade do ouvinte, podemos incentivar a leitura tendo estes como parceiros das bibliotecas, de festas literárias, fortalecendo a cultura da seresta e da serenata com foco na nossa história. Faz-se necessário lembrar que, o Sarau Musical é um diálogo com a “Era de Ouro”, ou seja, o rádio musical, com a nossa cultura nordestina, pois muitos desses alunos com quem tive a oportunidade de trabalhar ouvem rádio: são moradores da periferia, outros vieram do interior, do sertão do Estado, enfim estudantes que precisam saber mais sobre sua história e de seus antepassados.

2.3 O rádio e a música como elementos estimulantes do processo de aprendizagem: um impulso para o Estágio Supervisionado I

O papel de destaque que as tecnologias de informação (TIC) assumiram na sociedade, sobretudo a partir dos anos 1990, coloca cada vez mais em pauta a discussão sobre seu uso na educação. De acordo com Andrelo (2011) sob as mais diversas perspectivas, discute-se a utilização das TIC, seja na educação à distância ou presencial como metodologia de ensino ou como conteúdo escolar, ao reconhecer a necessidade de formação para uma leitura crítica das tecnologias. Como havia dito essa discussão ocorreu primeiramente componente Tecnologias Contemporâneas para a Educação que deu origem a Rádio FACED, constituindo-se num impulso para o Estágio Supervisionado III. Durante a apresentação do programa “*Durma com Essa*” da Rádio FACED web, quando da elaboração do roteiro, era chegada a hora de escolher as músicas para ir ao ar durante os intervalos da programação. Momento difícil. Fiquei

encarregado dessa missão Que música devo colocar? Isso levando em consideração a especificidade da programação destinada ao público acadêmico, mas era algo que devia estar de acordo com o texto, com a ideia do roteiro do programa. Não pode ser qualquer música. A música no rádio deve ser educativa, passar mensagens que nos levem a reflexão. O programa era descontraído, uma linguagem híbrida entre o formal e o informal, mas havia o erudito nas dicas culturais de livros, peças de teatro, cinema. Estamos falando de uma rádio educação. E a música tem que ter conteúdo, tem que ser educativa. Daí a pergunta: Afinal de contas, por que a música figura na educação? Qual o papel desta numa rádio educação na universidade? Seria apenas pelo prazer que ela proporciona?

No livro VIII, da Política Aristóteles (1990) pergunta o porquê de a música figurar na educação. Daí procurar distingui-la de todos os outros estudos: da gramática, da ginástica e do desenho colocando estas como úteis às necessidades da vida, já que por intermédio delas, podemos aceder às inúmeras atividades e diferentes aprendizagens. Em segundo, as não úteis nem rentáveis tidas como espirituais e contemplativas onde se encontra a música. Ela existe apenas para orientar o ócio, para ocupar o lazer. Está entre as artes que devem ser ensinadas em função delas próprias por serem espirituais, contemplativas ou lúdicas. Aqui, o que não se percebe ainda com nitidez é que a música pode incluir-se em todas as ordens, pois participa em qualquer uma delas

Mas, o que Aristóteles percebeu é que os antigos introduziram a música na educação não por ter visto nela qualquer utilidade, mas com o objetivo de “orientar bem o ócio”. Parece-nos que a ideia de que a música pode influenciar o caráter e a disposição das pessoas pode ser o centro, também da argumentação aristotélica sobre a sua natureza. Pois, ao ouvirmos a música, segundo Aristóteles, a nossa mente muda e isso podemos perceber a partir da nossa própria existência.

Em suma, a lição de Aristóteles (1990) no Livro VIII de “A Política” é que a única música verdadeiramente educativa é a que expressa o ethos (caráter); as outras, que denomina de patéticas, embora subordinadas de alguma maneira ao ethos, não podem estar presentes na educação – devem ser colocadas no lugar de divertimentos passivos, prestando-se somente à audição dos adultos. Enquanto educadores podemos refletir sobre o lugar da música na educação a partir das palavras de Aristóteles. Que tipo de música queremos que nossos educandos apreciem? Na Rádio busquei eliminar músicas que não tivessem relação com a proposta do roteiro de uma rádio educação. Privilegiei aquelas que eram autorais, pois temos compositores em diversos cursos principalmente na área de humanas. Para mim, a escolha das músicas era mais difícil do que a escolha da agenda cultural onde o consenso prevalecia, pois

pegávamos a programação no Cinema da UFBA a relação de filmes, peças, com conteúdo relacionado à educação. A relação dos ouvintes com a música executada no rádio traz memórias, exacerba as subjetividades, as emoções. Há aqueles que dizem: “nossa, não posso ouvir essa música”. Ou simplesmente “aumenta o som!”

A música integra a vida humana em seus aspectos físicos e metafísicos. Bona (2002) autor de o Método Musical traça uma analogia entre o pulsar da vida representado pelo batimento cardíaco e um elemento fundamental da música: o ritmo. Sendo assim, a música eleva o sentimento humano, invoca lembranças, produz sonhos, suprime a dor e liberta. Isso já confirma a relevância de se refletir sobre o poder que a combinação de sons e ritmos (música) exerce sobre os homens, principalmente em seu aspecto metafísico, além de compreender como pode a música ser a arte de manifestar os diversos afetos da nossa alma mediante o som.

Shopenhauer vê a música como uma arte detentora da mais rica e significativa linguagem, já que possui o poder de expressar a essência interna do mundo. Uma linguagem cuja finalidade é comunicar sentimentos. O maior filósofo do iluminismo alemão assim se expressava:

De modo algum a música é, como as outras artes, reprodução das ideias, mas reprodução da própria vontade, cuja objetividade também são as ideias; por isso o efeito da música é tão poderoso e incisivo do que o das outras artes; pois somente essas se referem à sombra, aquela porém a essência (SCHOPENHAUER 2000, p. 105)

Dessa forma, apesar de considerar a importância das artes plásticas, da poesia, e da música Shopenhauer considerava esta última superior às demais, pois enquanto as artes plásticas e a poesia se estruturam apenas por mediação de ideias, a música – a mais soberana das artes – prescinde da ideia. Dessa forma, a música iria além das ideias e independia, segundo Shopenhauer do mundo fenomênico ignorando-o por absoluto.

Inspirado pelas palavras do autor eu destacaria que a música, portanto, expressa a essência verdadeira de todas as possíveis aspirações e disposições humanas. Corroborando com Shopenhauer também Nietzsche assim se expressa:

Comprendemos, pois que segundo a doutrina de Shopenhauer, a música nos dá imediatamente a linguagem da vontade, e sentimos a nossa imaginação incitada a dar a dar uma forma a este mundo de espíritos cujas vozes nos falam, a esse mundo invisível e, no entanto, tão tumultuosamente agitado, e a encarná-lo num símbolo análogo. (NIETZSCHE, 2008, p.102)

Dessa forma, a partir desses autores, podemos considerar que a música é um poderoso estimulante da ludicidade trazendo grandes benefícios para a educação das emoções, das relações afetivo-sociais. Necessário lembrar Wallon (1974) que tal como Vygotsky (1998), ambos citados por Pimenta (2006) que consideravam o desenvolvimento humano como resultante de uma dupla história que envolve as condições do sujeito e as sucessivas situações nas quais ele se envolve e às quais responde. Os recursos oferecidos tanto pelo instrumental material quanto pela linguagem utilizada ao seu redor, sendo a mediação feita pela música fundamental para o educar das emoções, o refinamento para o ouvir, desenvolvendo os aspectos cognitivos.

Enquanto estagiava na Rádio FACED descobri a Rádio Sarau, um programa da web rádio da escola de Comunicação da UFRJ, que não só declama poesias e prosas, mas também se compromete a escutar todos aqueles que se sintam à vontade de compartilhar seus talentos. Nesta mesma universidade “O Sarau do Leopoldo” coordenado pela professora Beatriz Licursi desde 2010, proporciona aos participantes a oportunidade de se apresentarem em público construindo seus próprios repertórios para se apresentarem publicamente. Comentários sucintos sobre os compositores e história da música são disponibilizados para promover o debate.

Durante a construção do roteiro da Rádio FACED, refleti sobre essas iniciativas bem sucedidas, ao mesmo tempo em que tive a oportunidade, enquanto locutor, de declamar um poema escolhido pelos colegas, porém atestei que não havia uma produção própria dos graduandos de pedagogia na Rádio FACED. Verifica-se que as atividades ainda estão relacionadas com a avaliação da aprendizagem. Os estudantes de pedagogia poderiam declamar seus próprios poemas, apresentar suas composições, fazer-se ouvir no rádio, pois foi isso que me impulsionou a estagiar na rádio. A Rádio atende além da comunidade acadêmica da FACED, outras entidades governamentais e não governamentais que buscam apoio para implantar novas rádios web para realizar transmissões e orientar formações. Pensei em buscá-las futuramente para contribuir com a implantação de uma rádio educação nas escolas.

É importante destacar que essa discussão, segundo Andrelo (2012) é garantida por documentos oficiais, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino Fundamental (1998), que sugerem a apropriação de novas linguagens e tecnologias de comunicação, e a Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96 que salienta a importância do conhecimento das formas contemporâneas de linguagem no ensino Médio e formaliza a proposta de educação a distância. Refletindo sobre isso atesta-se que, no Brasil, alguns saraus vem sendo impulsionados pelas rádios comunitárias para transmitirem suas mensagens, músicas, poesias,

questionamentos. Defendo aqui a proposta de um sarau que fosse também transmitido via web. Essa proposta aproxima a comunidade da instituição de ensino promovendo o letramento midiático na escola através da arte.

Mais do que um modismo, a apropriação das TIC no universo escolar merece uma discussão aprofundada. Essa é uma proposta possível, mas que corre o risco de se tornar um mero recurso didático para ensinar conteúdo sem reflexão sobre o processo, ou de se incorrer numa visão tecnicista da educação. Não é algo que se implanta num Estágio Supervisionado de 48 horas. É algo que está em curso sendo discutido por mim com outros estudantes da UFBA, mas a ideia da construção de um sarau musical no Estágio Supervisionado I foi o primeiro passo como possibilidade de lançar mão de eventos culturais em que os alunos registrem e gravem músicas, suas participações, produções para sua apreciação artística enquanto seres sociais, e conseqüentemente, o despertar do próprio senso artístico. A música, é uma linguagem universal que exterioriza estados de satisfação que são transformados em recursos expressivos. Segundo Vygotsky, a construção do pensamento e da subjetividade é um processo cultural e não uma formação natural e universal da espécie humana. Ela se dá graças ao uso de signos e ao emprego de instrumentos elaborados através da história humana em contexto social determinado. (VYGOTSKY, 1998).

Segundo Wallon (*apud* PIMENTA, 2008) toda pessoa constitui um sistema específico e ótimo de trocas com o meio. Tal sistema integra suas ações num processo de equilíbrio funcional que envolve motricidade, afeto e cognição. O ensino da música na escola não tem a função de formar o músico profissional, assim como atividades lúdicas que envolvem a música. Para alguns educadores musicais, as funções da música no contexto escolar são para auxiliar no processo de apropriação, transmissão de práticas músico-culturais como parte da construção de sua cidadania daí a importância de eventos culturais como o sarau. Aliás, a Rádio FACED, com sua agenda cultural, com seu conteúdo educativo já reúne elementos para um sarau. Para mim, ela foi o sarau, pois me trouxe as experiências da ludicidade, da criação, que envolveu a arte: música, representação enquanto locutor, edição, produção de texto, dicas de teatro, cinema, poesia, sem falar no prazer do diálogo com os colegas e os ouvintes.

Nessa proposta não penso em ensinar música. Não se trata do ensino da música, da formação do educador músico, mas sim de entender a música como forma de comunicação e expressão; desenvolver a apreciação musical, compreender a música como produto cultural e histórico. Escolhi a música por vivenciá-la desde criança, por tocar um instrumento e fazer uso deste em minhas aulas. Levar a boa música popular para a sala de aula, para mim é um dever para com as novas gerações. A música tem sido usada para alimentar o consumismo insaciável

da indústria de massa que a vê apenas como business, ou seja, um negócio que você consome e depois descarta. Por isso é que defendo a ideia de eventos escolares a exemplo do sarau.

Sabemos que os eventos escolares fazem parte do cotidiano das escolas. Entre os vários eventos escolares encontra-se o Sarau. Atualmente os Saraus têm sido reinventados, podendo ser instrumentos até mesmo das escolas, que tentam promover, através destes, uma maior interação da comunidade escolar, de forma mais crítica, buscando formar o indivíduo multidimensional através de práticas diferenciadas muitas vezes, inusitada para o educando no sentido de ter a possibilidade de aprendizado através de um evento.

Abordando sobre o uso da rádio web, Oliveira (2008), nos diz que há a possibilidade de convergência de mídias. Ou seja, é possível qualificar esse recurso através do uso de textos, vídeos, hiperlinks e canais de comunicação direta entre o meio e o ouvinte através da utilização de redes sociais, chats, fóruns. A utilização desses recursos possibilita uma nova forma de fazer rádio, principalmente na educação. Esses eventos escolares podem ser contemplados nessa convergência de mídias. De forma embrionária, isso aconteceu durante o *Sarau Aquarela Nordestina*, apesar de esbarrar nas dificuldades sócio-econômicas dos alunos e na falta de estrutura das escolas. Mas conseguimos gravar vídeos, fazer imagens da decoração do evento, em suma, de nossas produções e dos alunos durante as apresentações que ocorrera no Estágio Supervisionado I. Ao repensar essa questão, não quero apenas assumir uma crítica a realidade existente, mas, numa perspectiva de encaminhar propostas e soluções a problemas estruturais, sociais e políticos e econômicos dos sistemas de ensino. Acredito que a escola está aberta a essa proposta de eventos culturais e quem sabe de uma rádio sarau internet.

Dessa forma, plantei uma semente importante para repensar e requalificar a minha prática docente. Defendo, aqui, uma epistemologia da prática docente que, nas palavras de Tardiff (2008), busca investigar o conjunto de saberes utilizados e mobilizados pelos educadores para intervir na realidade da escola, dos professores e da sociedade. Portanto, a vivência na Rádio FACED e a organização do sarau ajudaram-me a desenvolver o processo de professor-reflexivo e pesquisador (SHÖN, 1982) para superar a ideia do senso comum que separa a teoria da prática algo que abordarei no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

3. OS ESTÁGIOS NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFBA E A FORMAÇÃO DOCENTE

Neste capítulo abordarei da importância dos estágios no curso de pedagogia e da importância destes para minha formação docente. O estágio para mim revelou-se como um campo de conhecimento que nas palavras de Pimenta (2006) assume um estatuto epistemológico. A epistemologia que, nas palavras de Tardif (2008), é o estudo do conjunto dos saberes utilizados realmente pelos profissionais em seu espaço de trabalho cotidiano para desempenhar todas as suas tarefas nos coloca numa posição de investigar o conjunto de saberes utilizados e mobilizados pelos educadores. É nessa conjuntura que emerge a epistemologia da

prática docente. Não podemos reduzir as disciplinas escolares a simples vulgarizações das ciências. A tão propagada fragmentação entre teoria e prática foi superada por que consegui superar a velha concepção de Estágio Supervisionado como atividade mecânica em prol de uma reflexão sobre a prática, sendo que o estágio Supervisionado assumiu também o status de atividade teórica. Esse status foi alcançado mediante a atitude do professor-reflexivo e pesquisador (SHÖHN, 1982, p.89), ou seja na reflexão na ação. (TARDIF, 2008). Corroborando com Pimenta (2006), enquanto campo de conhecimento, a interação dos cursos de formação com o campo social em que se desenvolvem as práticas educativas faz do estágio uma atividade de pesquisa que contribuiu para o meu amadurecimento intelectual como pedagogo que busca intervir na realidade escolar. Dessa forma, o estágio não é uma atividade prática, e sim, uma atividade teórica instrumentalizadora da práxis visando a transformação da realidade, algo que procurei fazer dentro o Estágio Supervisionado I com propostas de atividades lúdicas que desembocaram no *Sarau Aquarela Nordestina* fruto da minha relação com o rádio e da minha vivência musical. Em suma, a práxis docente representa assumir uma postura crítico-reflexiva no contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade buscando transformar a realidade.

3.1 O estágio e sua importância para a formação docente

O curso de Pedagogia proporciona ao seu alunado a possibilidade de atuar como docente assistido nas disciplinas de Estágio Supervisionado visando inserir os futuros docentes no ambiente escolar, por isso o Estágio Supervisionado tornou-se uma exigência segundo a resolução CNE/CP 02, DE 19 de dezembro de 2002, bem como uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/96). Assim, por intermédio destes componentes o graduando terá a oportunidade de conhecer na efetividade as atividades relacionadas à prática docente. Dessa forma, podemos dizer que o estágio é um conjunto de experiências e vivências de trabalho, supervisionadas em instituições, programas e serviços de natureza educacional. Essas experiências, de acordo com o regulamento de Estágio no Curso de Pedagogia da UFBA (2012) devem ser diversificadas tanto em relação às funções realizadas,

às quais deverão, prioritariamente, incluir as funções de ensino na Educação. Pimenta e Lima (2005/2006) lembram que o Estágio sempre foi identificado como a parte prática dos cursos de formação de professores em geral, em contraposição à teoria. Quem nunca ouviu – e isso pude presenciar nos corredores da universidade -, a afirmação popular que diz: “Na prática a teoria é outra?”. As autoras chamam a atenção que não é raro ouvir-se dos alunos essa frase que remete à ideia de que a profissão se aprende na prática. Comigo também não foi diferente: já repeti isso quando comecei a estudar música, pois queria tocar logo e a teoria musical para mim era desnecessária. Hoje percebo o quanto estive errado. Mas essas reflexões ficaram para depois quando falei da importância do Estágio na minha formação docente.

Segundo Pimenta e Lima (2006), no cerne dessa afirmação popular de que na prática a teoria é outra está a constatação, no caso da formação de professores, de que o curso não fundamenta teoricamente a atuação do futuro profissional nem toma a prática como referência para a fundamentação teórica. Ainda de acordo com as autoras, carece de tanto de teoria como da prática. Entretanto, há um movimento teórico recente sobre a concepção de estágio que me chamou a atenção. Nos Estágios Supervisionados I, II, III IV – quando dos encontros presenciais para traçar as diretrizes do Estágio, durante os encaminhamentos foi possível perceber a necessidade de esclarecer duas perspectivas que marcam a busca para superar essa dicotomia entre atividade teórica e atividade prática. Essa perspectiva me foi apresentada pelas docentes orientadoras desses Estágios com uma excelente fundamentação teórica feitas por Pimenta e Lima. Na produção dos anos 90 do século XX já há indicativos da possibilidade do Estágio ser definido como atividade teórica que permite conhecer e se aproximar da realidade.

Em Estágio e Docência: diferentes concepções, as autoras supracitadas esclarecem que:

Entendemos que o Estágio se constitui como campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Enquanto campo de conhecimento, o Estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas. Nesse sentido, o estágio poderá se constituir em atividade de pesquisa. (PIMENTA E LIMA, 2006. p.6)

Para desenvolver essa perspectiva rumo a superação da fragmentação entres teoria e prática surge o conceito de práxis. Esse conceito aponta para o desenvolvimento do estágio como uma atitude investigativa, que envolve reflexão e a intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade. Pimenta conclui que o estágio não é uma atividade prática, mas atividade teórica instrumentalizada da práxis docente entendida como uma atividade transformadora da realidade. Então, o objeto da práxis é a realidade. Em todos os meus Estágios essa perspectiva foi fazendo sentido e me revelando de suma importância. Não

se tratava de uma utopia, mas algo a ser conquistado nos planos de estágio e nas elaborações das metodologias.

Nesse sentido, busquei ao longo dos estágios intervir na realidade das escolas para fazer jus ao estágio atividade curricular como atividade teórica do conhecimento fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, este sim conforme Pimenta (1994) objeto da práxis. No estágio supervisionado IV atuando nas reuniões da coordenação pedagógica fui informado sobre os altos índices de evasão/reprovação no Colégio Deputado Manoel Novaes. Porém, não se tinha certeza desses dados, nem um plano de ações para minimizar esse problema que desafia os gestores das diversas instituições de ensino em Salvador e no Estado da Bahia como um todo. Dessa forma, procurei fazer uma reflexão sobre o papel do coordenador pedagógico como um dos atores sociais responsáveis pela elaboração do projeto político pedagógico (PPP) na construção coletiva do referido projeto. O projeto político pedagógico, é um documento legal que norteia toda a ação pedagógica da escola e representa o perfil da comunidade escolar. Acontece – e isso é muito comum nas escolas – que este documento fica nas gavetas, ou seja, é apenas uma mera formalidade burocrática. Os dados estavam desatualizados desde 2017. O meu estágio deu-se em agosto de 2018 quando busquei trabalhar coletivamente pela reformulação desses dados atendendo ao que pede a ementa do estágio supervisionado IV que orienta a desenvolver atividades junto à coordenação pedagógica buscando analisar a gestão do trabalho pedagógico, assim como a gestão da unidade escolar.

Nessa perspectiva, a importância desse trabalho veio confirmar que o estágio pode se realizar em forma de pesquisa. Vi que o trabalho do coordenador pedagógico não é, conforme diz o senso comum, de substituir professores em sala de aula, ou de aparar arestas, cumprir funções burocráticas. Sei que esta discussão sobre o papel do coordenador pedagógico ainda está sendo discutida, mas pude contribuir junto com meus colegas de estágio para oferecer subsídios ao diagnóstico do Projeto Político Pedagógico que retrata a diminuição no número de alunos ao final do ano letivo em relação ao quantitativo matriculado no turno noturno. Só para citar um exemplo, em 2018 foram 45 alunos matriculados nos módulos de exatas no turno noturno. Desses apenas 19 frequentavam. A necessidade de atualizar os dados do Projeto Político Pedagógico veio com a finalidade de auxiliar a comunidade escolar na formulação de um plano de ação de combate à evasão/reprovação e abandono no ensino noturno. Por outro lado, propostas como o sarau, que falarei mais adiante aplicadas no Estágio Supervisionado I vem para colaborar em respostas a esses desafios de superação da evasão/reprovação. Podemos sim, fazer da escola um lugar mais prazeroso, que favoreça as manifestações lúdicas estimulando a aprendizagem. Desse modo o estágio, se constitui como fonte de pesquisa.

Essa intervenção pedagógica serviu de inspiração para que não incorramos no criticismo vazio que muitas vezes imperou nos relatórios de estágios. A máxima de Althusser (1970) que via a escola como aparelho reprodutor das ideologias dominantes na sociedade foi chamada por Saviani (2017) de teoria crítico-reprodutivista. Esse movimento pretendia realizar a revolução social pela revolução cultural frente ao fracasso do movimento de maio de 68. Diante disso Saviani esclarece que:

[...] Progressivamente, no entanto, foram tornando-se cada vez mais evidentes os limites da teoria crítico-reprodutivista. Ela revela-se capaz de fazer a crítica do existente, de explicitar os mecanismos do existente, mas não tem proposta de intervenção prática, isto é limita-se a constatar e, mais do que isso, a constatar que é assim e não pode ser de outro modo (...) (SAVIANI, 2017, pp. 58-59)

O problema, no entanto, extrapola esse âmbito. A questão central, segundo Saviani, é como atuar de modo crítico no campo pedagógico, como agir como educador para desenvolver uma prática crítica. A teoria crítico-reprodutivista não oferece resposta a essas questões.

Por outro lado, dialogando com Saviani (2017) Pimenta e Lima comentam sobre as disciplinas práticas dos cursos de formação das universidades com sua ilusão de que as situações de ensino são iguais e poderão ser resolvidas com técnicas.

Essa crítica a didática instrumental, gerou, num primeiro momento, uma negação da didática, sendo substituída por uma crítica às escolas em geral, uma vez que consideravam estas como aparelhos reprodutores das ideologias dominantes. Essa percepção traduziu-se em modalidades de estágios que se restringiam apenas captar os desvios e falhas das escolas, dos diretores e dos professores, configurando-se como um criticismo vazio, uma vez que os estagiários iam apenas para rotular as escolas e seus profissionais como “tradicionais” e “autoritários” entre outros [...] (PIMENTA E LIMA, 2006, p. 10)

Corroboro com os autores e talvez justamente por isso muitas escolas passaram a recusar a receber estagiários. Precisamos repensar essas questões. Isso não significa abdicar da crítica, mas observar que nas propostas dos estágios no curso de Pedagogia da UFBA os docentes orientadores nos lembram da importância de encaminhar propostas e soluções aos problemas estruturais, sociais, políticos e econômicos dos sistemas de ensino e seus reflexos no espaço escolar. A ação dos profissionais constitui um núcleo de pesquisa em várias áreas da educação, em especial no campo da pedagogia e da didática.

A partir dessas reflexões procurei levar propostas e soluções aos problemas enfrentados pela escola. Ao estagiar no Colégio Manoel Novais pude contribuir com uma parte da reformulação do projeto político pedagógico, mas faltou atualizar os dados sobre os instrumentos musicais, pois muitos estavam danificados, faltava encordoamento para violão,

violino, dentre outras ausências. O Colégio conta com aulas de música, mas a oferta de matrícula não conseguiu dar conta da alta demanda. Os estagiários desenvolvem posturas e habilidades de pesquisador a partir de situações de estágio ao mesmo tempo em que compreendem e problematizam as situações que observam, mas infelizmente nossa atuação esbarra no tempo que é reduzido. Temos que eleger as prioridades que são possíveis naquele dado momento.

Da mesma forma, gravar o programa “Durma com Essa” da Rádio FACED durante o Estágio Supervisionado III se constituiu também numa forma de pesquisa. A partir dessa vivência, busquei pesquisar algumas rádios na internet que trabalham com conteúdo educativo: música, literatura, poesia concomitantemente e também após o período de estágio. A minha relação afetiva com o rádio e a música popular demonstram, segundo Sacristán apud (PIMENTA E LIMA, 2006), serem inseparáveis teoria e prática no plano da subjetividade do sujeito (professor pedagogo), pois sempre há um diálogo do conhecimento pessoal com a ação. Entendo que não só a minha experiência concreta, mas a cultura das teorias da educação foram me iluminando para pensar em propostas como “Rádio Sarau”, “Sarau Musical Aquarela Nordestina”. Acredito que a teoria me ofereceu perspectivas de análise para compreender os contextos históricos, sociais e culturais e como devo atuar planejando as atividades, pois há uma intencionalidade nessas propostas. Por fim, considero o estágio um instrumento pedagógico que contribuiu para a superação da dicotomia teoria&prática, pois, a partir do conceito de práxis, pude desenvolver atividades investigativas intervindo na realidade das escolas e também de espaços não-formais de educação a exemplo do programa “Durma com Essa” que ensejou as reflexões do pedagogo músico e pesquisador da sua prática docente.

3.2 O papel do estágio supervisionando na minha formação docente

O estágio é uma das etapas do curso acadêmico que considero importante para consolidar o curso que se almeja. Esta etapa para mim foi bastante proveitosa para rever conceitos e algumas práticas. Essa experiência me ajudou a adquirir vários conhecimentos seja com gestores, coordenadores pedagógicos, professores orientadores dos estágios, professores regentes. A partir desses estágios detectei a presença e a ausência dos elementos que norteiam um processo de ensino aprendizagem. Não substituí os professores regentes. Enquanto escrevo este memorial, estou concluindo o estágio 2 que é de observação e coparticipação. Por sugestão dos professores estou planejando um jogo educativo sobre alimentação saudável para ser

discutido e implementado junto aos alunos da Educação de Jovens e Adultos do ciclo o Ensino Fundamental

No momento em que somos inseridos numa instituição de ensino, temos que ter consciência que os processos sociais em construção atuam em prol da qualidade de ensino e da aprendizagem da educação, mas também devemos contemplar a realidade que circunda todo esse processo em todas as suas instâncias, seus avanços e dificuldades e desafios para poder intervir na realidade. Desse modo, o conceito de práxis fez com que eu tivesse mais clareza sobre a fragmentação entre teoria e prática. O estágio fez com que eu abandonasse o conformismo, de hábitos, ideias e valores, comportamentos pessoais legitimados pela cultura escolar e assumisse a minha identidade docente, ou seja, “vestisse a camisa” reconhecendo-me professor. Sabemos das mazelas que acompanham a educação em nosso país, mas se escolhemos este caminho, é preciso ir além e essa é a proposta do professor-reflexivo, aquele que não estaciona nos desafios, mas procura superá-los.

Diante do exposto, é preciso esclarecer que a prática reflexiva do professor deve levá-lo a suprir as possíveis deficiências dos cursos de formação notadamente relacionadas com a formação profissional, isso porque os cursos de licenciatura não conseguem “dar conta” de tudo aquilo que é exigido na ação docente. Perrenoud trata sobre essa questão afirmando:

Seria absurdo esperar que uma formação inicial, por mais completa que fosse, pudesse antecipar todas as situações que um professor encontraria em algum momento do exercício de sua profissão oferecer-lhe todos os conhecimentos e as competências que, algum dia, poderiam ser úteis a ele. Em diversos estágios, todos os professores são autodidatas, condenados, em parte a aprender seu ofício na prática cotidiana. (PERRENOUD, 2002, p.50)

É preciso lembrar que o estágio não se reduz apenas a observar os professores em sala de aula para imitar seus modelos, sem proceder uma análise crítica fundamentada teoricamente e legitimada pelo contexto social em que o ensino se processa (PIMENTA; LIMA, 2006). Dessa forma, o estágio me proporcionou a oportunidade de agir intencionalmente enquanto professor pedagogo reflexivo, pois ao me aproximar para observar à distância, a aproximação visava analisar e questionar criticamente à luz das teorias. Isso se traduziu numa caminhada conceitual, uma espécie de trilha de acordo com Pimenta, para proposição de novas experiências.

Essa proposição de novas experiências, essa “pedagogia do ver”, ou seja, da sensibilidade do olhar do pedagogo me demonstrou que o estágio atividade curricular é atividade teórica de conhecimentos, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, este

sim objeto da práxis. Experimentei isso no Estágio Supervisionado IV, em coordenação pedagógica, na elaboração do roteiro de apresentação do programa “Durma com Essa” no Estágio Supervisionado III na Rádio FACED web e por último no planejamento do Sarau Musical no Estágio Supervisionado I. Todas essas experiências apontaram para o desenvolvimento do meu estágio como atitude investigativa, que envolveu reflexão e intervenção na realidade, na vida das escolas, dos alunos e da sociedade. De acordo com Zaballa

O contato com o cenário profissional real possibilita pôr em prática muitas competências profissionais genéricas que fazem parte do catálogo de aprendizagens que correspondem à formação universitária: a observação, análise das situações, a narração-descrição-análise das experiências, a apresentação de resultados, entre outros. Fazer as práticas não é sair da universidade para fazer qualquer coisa. É continuar aprendendo em um contexto não acadêmico (ZABALA, 2014, p.115)

Ou seja, o que aprendi nas aulas de Arte-Educação, Dimensão Estética, Recreação, Educação e Ludicidade, fez sentido à luz do encontro nos estágios dando-me subsídios para entender a importância do lúdico na educação, a diferença entre atividades lúdicas e ludicidade, a importância das vivências estéticas que me trouxeram a um curso de formação de professores e como valorizá-las. O riso, o jogo, o brincar, a brincadeira, a cultura popular, o folclore, a dança, a música, o teatro, a poesia, a literatura, tudo isso me acompanhava, mas ganhou forma e entendimento à luz das teorias no curso de Pedagogia da UFBA. Elas são imprescindíveis para a educação desde que sejam planejadas pedagogicamente – não de forma engessada - mas de forma flexível, pois nossos alunos estão sempre nos surpreendendo e não temos respostas para tudo. Às vezes o planejamento sai de controle, as coisas não ocorrem como planejamos. Sabemos como começa, mas não sabemos como termina e temos que estar abertos a essas possibilidades

O estágio trouxe para mim muitas memórias, experiências e aprendizados. Decidi optar por esse memorial que me dá a liberdade de escrever fora da rigidez do formalismo acadêmico por causa dos estágios. O título “*Durma com Essa*” já é bastante indicativo do pedagogo que sonhava em ser músico profissional, mas foi conduzido por vocação a se tornar educador e pesquisador da sua prática docente. Acredito que não caí, segundo Pimenta e Lima (2006), na perspectiva da imitação de modelos. O estágio nessa perspectiva, segundo as autoras, reduz-se a observar os professores em sala de aula e a imitar esses modelos, sem proceder a uma análise crítica e fundamentada teoricamente e legitimada na realidade social em que o ensino se processa. Ao contrário, busquei ir além dessa perspectiva contribuindo com o desenvolvimento do processo de aprendizagem de forma lúdica.

As utopias, realidades, anseios, dores, sofrimentos, afetos ou desafetos e outros fatores me acompanharam nessa caminhada acadêmica. Também desilusões, quando percebi enquanto pedagogo e músico, os instrumentos musicais abandonados Colégio Manoel Novais. As turmas diminuíram, mas a demanda por alunos querendo entrar no Colégio para aprender música, aprender um instrumento continuou em alta.

Já tinha experiência em sala de aula e sei o quanto me esforço para planejar minhas aulas e fazê-las acontecer da melhor maneira possível. Não poderia deixar de citar nesse memorial a importância do componente Didática ofertada no curso de Pedagogia da UFBA. Meus agradecimentos a professora Giovana Zen⁹ que me ensinou a fazer uma sequência didática quando da apresentação do meu seminário. Somos eternos aprendizes. Todos os conteúdos adquiridos no curso estão me servindo como base para uma postura pedagógica capaz de contribuir para uma melhoria no campo educacional.

Os estágios I e II não foram dilemas para mim, pois já havia vivenciado a prática e os dilemas da sala de aula, mesmo assim participei dando a minha contribuição em parceria com a coordenação pedagógica da escola. Vi um grande número de professores interessados em aprender, procurando superar práticas pedagógicas arcaicas que deixam os alunos de perspectiva de vida e desinteressados pelas aulas. Esses professores – aqui cito os da Escola Estadual Padre Manoel Anchieta, Colégio São Domingos Sávio, Colégio Estadual Deputado Manoel Novais -, nos incentivaram a trazer propostas pedagógicas inovadoras. Café literário, jogos educativos, Sarau junino, reformulação do Projeto Político Pedagógico. Isso serviu para desmistificar o senso comum de que as escolas públicas não gostam de receber estagiários, que elas seguem a Pedagogia Tradicional

O desinteresse dos alunos serve para repensarmos nossas práticas pedagógicas todos os dias. Esse é o exercício do professor pedagogo reflexivo. Sei que é um trabalho cansativo, árduo, mas proveitoso para o profissional da educação que quer fazer a diferença. Como diz Paulo Freire (1996): “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Ou parafraseando Paulo Freire, o professor Jorge Portugal que compôs esse samba de roda que prefiro na voz de Maria Bethânia intitulado Filosofia Pura (1983):

Quanto mais a gente ensina, mais aprende o que ensinou
 E o desejo da menina quando o seu corpo fulmina
 Acende o fogo do amor
 E a sensação divina de dominar quem domina
 É que cura qualquer dor

⁹Giovanna Zen é Professora Adjunta da Faculdade de Educação na UFBA com Doutorado em Educação e Formação de Professores.

Pois trocar vida com vida é somar na dividida
Multiplicando o amor
Pra que o sonho dessa gente não seja mais afluyente
Do medo em que desaguou

O meu jeito pessoal de inovar, aproveitando do meu simples conhecimento e das habilidades da música ajuda a trazer algo de surpreendente para os alunos. Vivemos, pois, em um mundo globalizado onde as informações são rápidas e imprecisas. Para o filósofo coreano Byung-Chul Han (2015), estamos diante da sociedade do cansaço. Segundo este autor, os males da alma surgem de um excesso de positividade presente em todas as esferas da sociedade contemporânea. Nestes discursos predominam as mensagens de ação produtiva e que todas as metas são alcançáveis. Uma sociedade do desempenho que culmina em diversas patologias psicológicas. Por isso procuro sair da zona de conforto do quadro e giz, da aula maciçamente expositiva. Não que esta última não seja necessária, pois uma aula expositiva também pode ser lúdica como nos ensina D'Avila (2006), mas que seja dinâmica no sentido lúdico, de ser algo que sirva para a vida e o curso de Pedagogia nos seus estágios supervisionados me forneceu através das teorias da educação subsídios para questionar criticamente alguns saberes mobilizados por mim e por outros educadores para buscar intervir na realidade dessas escolas em que pude estagiar.

3.3 O Estágio Supervisionado I no Curso de Pedagogia da FAGED e a minha atuação de observador

O Estágio Supervisionado I se deu na Escola Municipal Padre José Anchieta que fica localizada na rua Henriqueta Martins Catarino, SN no bairro da Federação em Salvador Bahia. A área de atuação foi na Educação de Jovens e Adultos (EJA), no ciclo do Ensino Fundamental e Alfabetização e foi realizado entre abril e maio de 2018. A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade do ensino básico brasileiro, voltada para as pessoas que não cursaram o ensino regular na idade prevista pelo nosso sistema educacional. É preciso lembrar que é dever do Estado, estabelecido pela Constituição Federal de 1988, garantir a essas pessoas o acesso ao ensino básico em cursos estruturados para esse fim. Está configurada e regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB – Lei 9394/1996, quando passou a ser compreendida e incorporada como modalidade do ensino básico brasileiro. Essa incorporação foi considerada por Sartori (2011) como uma evolução, pois enfraqueceu segundo o mesmo a

concepção da EJA como suplência consolidando-a como modalidade de ensino. Esta deve levar em consideração as características dos estudantes, seus interesses e suas condições de vida e trabalho, algo que procurei inserir em minhas práticas no campo de estágio.

Enquanto campo de conhecimento, o Estágio Supervisionado I foi de suma importância, pois possibilitou a interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas. Alguns autores nos chamam a atenção de que é preciso superar a fragmentação dos conceitos de prática e de teoria a partir do conceito de práxis rumo ao desenvolvimento do estágio como uma atitude investigativa que envolve a reflexão e a intervenção na vida da escola.

Nessa perspectiva, procurei não me limitar apenas a observar uma vez que esta era a proposta da ementa, mas também a fazer algumas intervenções que foram sugeridas pela professora orientadora Cilene Canda¹⁰. As intervenções foram feitas no período noturno sempre sob a supervisão da coordenadora Adriana Serafim conforme o combinado com as professoras tendo em vista os alunos com mais dificuldades de leitura e escrita que desciam de suas salas em pequenos grupos de 4 a cinco alunos e nas salas de aula do TAP 3 onde estão os alunos mais avançados, em leitura e escrita.

Esse período foi de grande relevância, pois proporcionou um entendimento maior sobre o processo de aprendizagem e desenvolvimento do educando da Educação de Jovens e Adultos. Foquei especificamente na compreensão de como as mediações lúdicas contribuem para que esse processo aconteça.

Acredito que aprendizagem lúdica contribui de forma significativa para a aquisição do conhecimento porque desperta o interesse e a curiosidade, aspectos que contribuem para a aprendizagem. Por isso, precisamos fazer da educação uma arte para nos afastarmos de receitas mecânicas. Os educandos da Educação de Jovens e Adultos têm uma vivência rica, uma ludicidade adormecida. Somos apenas mediadores para proporcionar que ela se manifeste na sua inteireza. As intervenções ludopedagógicas D’Avila (2006) devem prevalecer para quebrar a rotina das mediações “tradicionalistas”. O elemento lúdico pode servir a um propósito de formação da pessoa. O ludo pedagógico é a pedagogia através do jogo, onde o aluno aprende se divertindo.

Dessa forma, escola não só proporcionou essas intervenções disponibilizando material suficiente na biblioteca como também nos incentivou a buscá-las e aplicá-las em nossas breves

¹⁰Cilene Nascimento Canda é professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia - UFBA. É formada em Pedagogia, fez mestrado em Educação na Universidade Federal da Bahia e doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas- UFBA.

intervenções. São alunos bastante interessados e com uma imensa vontade de conhecer a palavra, o mundo letrado, pois experiência e conhecimento de vida eles têm de sobra. Sabendo das dificuldades encontradas por estes alunos(as) trabalhadores(as) para estarem todos os dias em sala de aula, é preciso que sejam consideradas e respeitadas suas limitações.

É preciso reconhecer que esses estudantes são pessoas carentes, filhos e filhas de outros trabalhadores, muitos do próprio bairro, dos mais diversos campos da economia formal e informal e também alunos na condição de desempregados, que almejam a oportunidade de uma vaga no mercado de trabalho. A especificidade da Educação de Jovens e Adultos exige que busquemos analisar e propor práticas educativas condizentes com a realidade socialmente excludente em que vivemos. Esse estágio reforçou a importância de sermos pesquisadores da nossa própria prática docente, pois aprendemos com as observações, assim como com as intervenções.

Na verdade foi um prazer sermos surpreendidos com indagações sobre a escrita das palavras, assim como o conhecimento de mundo trazido por eles que me desafiava e me envolvia numa teia de emoções. Como nos ensina Paulo Freire (2011), a leitura do mundo sempre significou outra coisa: desvendar o significado político-social da palavra escrita e, de modo mais amplo, do mundo letrado. Porém, é preciso ter uma compreensão crítica da alfabetização, para não reproduzirmos as práticas tradicionalistas de manipulação mecânica das palavras.

Lembro-me que ao me apresentar à escola Municipal Padre José de Anchieta na Federação, a supervisão da coordenação, Adriana Serafim, me falou um pouco sobre a história da escola, da relação desta com a comunidade e sobre o público da Educação de Jovens e Adultos. Discutimos que na sala de aula, o ensino criativo e lúdico tem cedido espaço para ações repetitivas e mecânicas. Muitas dessas ações são realizadas ainda, sobretudo no ensino fundamental como na Educação de Jovens e Adultos, tendo o livro didático como seu mestre. “Aqui não trabalhamos assim”, disse a coordenadora. Nos incomoda bastante esse acúmulo de informações e explicações que caracterizam a mediação do ensino tradicionalista. Por isso procuramos deixar claro que traríamos propostas que cedessem espaço ao lúdico, à arte, para reforçar nosso prazer em ensinar e aprender pensando em criar vínculos afetivos e de socialização. Daí a ideia dos jogos, das brincadeiras, do café literário que mais tarde deu espaço ao Sarau Junino. Este último, por sua vez é encarado na escola como “festa de encerramento” do semestre. A ideia de festa comemorativas é muito presente nas escolas. Percebi que poderíamos aproveitar este momento não só para socialização da comunidade com o espaço

escolar, mas também para inculcar valores e aprendizagens de forma lúdica. Mas, esta parte tratarei no próximo capítulo que fala das metodologias do sarau.

Conforme o combinado com a coordenadora supervisora e as demais professoras, ficamos encarregados de desenvolver atividades com os alunos que apresentassem mais dificuldades de leitura e escrita. Estes seriam levados pela coordenadora a uma sala ao lado da coordenação. Ficamos ansiosos por este momento, pois seria o primeiro contato com um público tão especial. Para facilitar os trabalhos, criamos um grupo de discussão intitulado “Resenhando na segunda” visando traçar nosso planejamento. As atividades em sala devem ser pensadas acerca de uma intencionalidade e esse é o papel do pedagogo conforme nos ensina Libâneo:

A atuação do pedagogo escolar é imprescindível na ajuda aos professores no aprimoramento do seu desempenho na sala de aula (conteúdos, métodos, técnicas, formas de organização da classe), na análise e compreensão das situações de ensino com base nos conhecimentos teóricos, ou seja, na vinculação entre as áreas do conhecimento pedagógico e o trabalho de sala de aula. (...). (2010, p. 61)

Para Libâneo (2010), a Pedagogia ocupa-se da educação intencional e como tal, investiga os fatores que contribuem para a construção do ser humano como membro de uma determinada sociedade, e os processos e meios dessa formação. Por isso, ao trabalhar com este público da Educação de Jovens e Adultos, é preciso fazer um planejamento cuidadoso, pois teríamos em uma mesma sala de aula realidades muito distintas, vivências sociais variadas e expectativas múltiplas. Cada estagiário ficaria encarregado de fazer um plano de aula que envolvesse atividades lúdicas para serem discutidas com todos. Era preciso ter cuidado, pois a realização de atividades lúdicas na sala de aula não significa que estaríamos ensinando ludicamente. Como nos ensina Cristina Maria d’Ávila em seu artigo eclipse do lúdico:

[...] uma prática pedagógica lúdica, apoiada sobre a arte, como dimensão estruturante do humano (...) interligado aos demais saberes-saber e ao saber fazer – fundantes da prática pedagógica, poderão fazer erigir uma pedagogia lúdica, onde o pensar, o sentir e o agir, em uníssono, se expressam no processo de ensinar e aprender. (2006, p.6)

Dessa forma, começa a proposta de inserir a música em minhas apresentações e isso foi de suma importância, pois nessa etapa, o que se pretendia era desenvolver aquela posição de sujeito educador que procura conhecer, estabelecer uma relação com o sujeito educando a ser conhecido. Então, em meu primeiro encontro dei as boas-vindas aos alunos apresentando uma música popular chamada “Penerei o fubá”. A princípio eles ficaram retraídos, mas logo em seguida o espírito de descontração tomou conta do ambiente. A música descontraiu e todos que se apresentaram dizendo seus nomes. Fiquei feliz e eles mais leves e que quebrou o gelo da

desconfiança. Nessas horas o estagiário também fica receoso se vai ser bem recebido. A música os encorajou a ir ao quadro e escrever seus nomes, alguns contaram o porquê de seu nome, a história de família. Logo em seguida entregamos o alfabeto móvel para que eles formassem palavras. Demos a liberdade para que eles criassem suas palavras. Alguns formaram seus próprios nomes, ou o dos filhos e filhas. Pedi em seguida para que eles formassem frases. O objetivo era que eles reconhecessem as letras, sílabas e palavras, vivenciando a leitura de imagens e o movimento de agrupar as palavras. Aproveitando-se da conversa informal, incentivei-os a formar frases a partir da apresentação dos seus nomes. “Cláudia foi a feira comprar... abacate.” Como se escreve abacate?

A nossa prática pedagógica contou também com a presença de uma cantiga de roda “Fui a Salvador comprar um chapéu”. Os alunos fizeram uma roda e começaram a bater palmas cantando:

“Fui a Salvador comprar um chapéu Azul e branco da cor do céu Não é para mim, Não é pra ninguém É para...que eu quero bem!”

Uma pessoa ficava ao centro da roda com um chapéu na cabeça e ao final do canto “não é pra ninguém, é para (diz o nome da pessoa que quer passar o chapéu) e assim sucessivamente até que todos se apresentassem.

Depois dessa integração, trouxemos o jogo mercado para dar sequência ao que fora abordado na aula anterior: sílabas, palavras, formação de frases. A proposta é que eles agrupassem palavras a partir da letra inicial. Dividi a turma em quatro grupos e colocamos as cartelas “sacolas e alimentos”, virados para baixo numa mesa a fim de que eles pudessem escolher. Eles deveriam completar a cartela “sacola com os nomes dos alimentos que tivessem a mesma letra inicial. Em seguida propusemos que usassem o alfabeto móvel para escrever os nomes dos alimentos que estavam na sacola. Depois disso solicitei que montassem frases (cada grupo monta uma frase usando os nomes dos alimentos). Dessa forma incentivei a escrita, a leitura de suas próprias produções, além da oralidade. A resposta foi positiva, o clima era agradável. Obviamente, nem tudo são flores no desenvolvimento de um trabalho como este, pois são alunos com enorme déficit cognitivo, dificuldades de escrita das palavras. Havia também a timidez, a vergonha diante de professores mais jovens. Mas sempre procurava descontrá-los com bom humor, brincávamos com o intuito de descontrair o ambiente buscando incentivá-los. Eles ficaram bastante empolgados com essa atividade. Discutiram sobre o preço de alguns alimentos como arroz, macarrão, regionalismos como, por exemplo: no Ceará aipim é macaxeira. Como é que se escreve macaxeira? Aproveitávamos todos esses momentos para desafiá-los. Eles vão a feira, fazem compras, estão inseridos na cultura letrada. O letramento

nos acompanha em todos os momentos. Vamos refletir sobre eles? A atividade foi muito prazerosa, tanto para mim como para eles, pois conseguiram interagir com os colegas respondendo bem aos estímulos que visavam a aprendizagem. As atividades lúdicas favorecem o pensar, o sentir, o agir, em suma facilita o processo de aprendizagem e socialização.

Na chegada dos alunos a acolhida era com cantigas de roda no pátio da escola: “Se essa rua fosse minha”, “De abóbora faz melão”, “O alface já nasceu”, “Na Bahia tem”. Num segundo momento organizamos um Café Literário onde toquei canções pensando no letramento tais como “Aquarela” e “Caderno” do parceiro de Vinícius, Toquinho. Aqui já nasce o sarau voz e violão que mais tarde ganha forma e se transforma em sarau junino. Dei o nome de Aquarela Nordestina ou junina. Na verdade trata-se de um intertexto, pois existe uma canção de Luiz Gonzaga que se chama Aquarela Nordestina e eu já havia tocado “Aquarela” o clássico de Toquinho e Vinícius. O terceiro momento intitulado “assalto literário” entramos nas salas previamente autorizados para declamar poemas e poesias da nossa literatura a exemplo de “Lira do amor” de Carlos Drummond de Andrade, “Rosa”, das antologias de Carolina de Jesus Carolina - “A catadora de letras” -, exerceu certo fascínio, o público ficou curioso, prestando bem a atenção. Percebi o olhar atento de alguns quando contamos a história desta mulher pobre, negra e lavadeira, mas que não desperdiçava a oportunidade de colher livros e lavá-los para casa. Ao ler o poema “Rosa”, e mostrar-lhes a foto da poetisa vi sorrisos maravilhados. Valeu a pena, muito emocionante.

O quarto momento foi para realizar situações didáticas com atividades lúdicas e jogos na salinha como jogo mercado de palavras, “Cordelista, eu?” – atividade de construção de texto em forma de quadrinha. Essas atividades foram de grande significado. A literatura está cada vez mais distante da escola e nós temos o dever de aproximá-la dos nossos educandos. A literatura não pode estar presente só para responder a questões de interpretação de texto, e sim, para incentivar o pensamento e a reflexão sobre temas relevantes da nossa sociedade e que estão presentes no cotidiano da Educação de Jovens e Adultos. A poesia de Carolina de Jesus nos remete à condição desumana, desigual que vivem por parte desses educandos Educação de Jovens e Adultos, mas que não perdem a esperança no poder da palavra, da escrita. Dessa maneira, a ludicidade esteve presente em nossas ações, no prazer que sentimos em levar essas músicas, no envolvimento dos educandos da EJA nessas atividades. Ressurreição e Porto (2006) salientam que a ação ou atividade lúdica não se constitui apenas de jogos ou técnicas dinamizadoras, pois também está presente na dança, na música, no desenho (trouxemos o desenho, fotos, para o cartaz da letra aquarela), na pintura e em outras formas de expressão artística, ou seja, em outros signos. Ainda de acordo com essas autoras precisamos distinguir a

“atividade produtiva lúdica”, da atividade recreativa ou de entretenimento a fim de que nem a ludicidade seja reduzida à recreação nem os jogos e brincadeiras se limitem aos recursos didáticos (FAEEBA, 2006, pp.79-98)

Essas são minhas memórias marcantes do Estágio Supervisionado I. No próximo capítulo falarei da metodologia do Sarau Aquarela Nordestina. Essa proposta nasce da minha relação com a música popular e das influências do rádio na minha educação musical desde o sertão de Santaluz quando meu pai cantava Luís Gonzaga. No Café Literário cantamos Aquarela dos poetas Toquinho e Vinícius. Esta atividade motivadora fez com que eu lembrasse da canção “*Aquarela Nordestina*” de Luís Gonzaga, pois o evento marcaria o fim do semestre e início das férias juninas. A letra diz:

No Nordeste imenso, quando o sol calcina a terra,
 Não se vê uma folha verde na baixa ou na serra.
 Juriti não suspira, inhambú seu canto encerra.
 Não se vê uma folha verde na baixa ou na serra.

Acauã, bem no alto do pau-ferro, canta forte,
 Como que reclamando sua falta de sorte.
 Asa branca, sedenta, vai chegando na bebida.
 Não tem água a lagoa, já está ressequida.

E o sol vai queimando o brejo, o sertão, cariri e agreste.
 Ai, ai, meu Deus, tenha pena do Nordeste.

Geralmente, a maioria dos presentes na educação de Jovens e adultos tem fortes vínculos com a região nordeste. O poeta Sérgio Vaz (2008) idealizador do “Sarau da Cooperifa” – uma reunião cultural noturna em um bar do extremo sul de São Paulo, onde toda quarta-feira se reuniam as pessoas do bairro para declamar poemas, em grande parte escritos por eles mesmos -, também é nordestino. Em um cenário como o dos saraus, Tennina (2017) lembra que é muito presente a experiência relacionada ao fluxo migratório de sertanejos. Esta tradição literária, segundo a autora, que canta as agruras do nordestino, mas também a sua força, e a beleza da sua natureza faz parte da “bagagem cultural” que este carrega. Ainda de acordo com Tennina (2017), ser poeta no sarau, não implica ter uma trajetória letrada. Citei as palavras da referida autora durante o sarau no Estágio Supervisionado I como forma de incentivo aos alunos da Educação de Jovens e Adultos. No “Sarau da Cooperifa” o “título de poeta é uma espécie de reconhecimento comunitário, auto atribuído e implantado pelos pares do sarau em consideração ao vínculo criado e assiduidade de participação. Todos nós podemos ser poetas, podemos cantar e tocar um instrumento. O sarau é um instrumento lúdico por assim dizer, por possibilitar a

manifestação do elemento lúdico. Todavia, é algo que precisa ser pedagogicamente planejado pelos educadores e é justamente disso que vamos tratar no próximo capítulo, que discutirá a metodologia, a apresentação e a avaliação.

CAPÍTULO 4

4. DO RÁDIO AO SARAU MUSICAL UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA ARTÍSTICA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO I

Por fim, neste último capítulo, me centrarei na experiência do sarau, na sua produção artística enquanto possibilidade lúdica de aprendizagem. O Sarau Aquarela Nordestina foi um evento cultural, por assim dizer, que envolveu várias atividades artísticas, mas que teve na música sua expressão maior contemplando a pluralidade cultural nordestina. A temática do sarau veio para dialogar com a experiência de muitos estudantes da Educação de Jovens e Adultos que viajam ou recebem parentes para as festas juninas durante o encerramento do semestre. A metodologia buscou instigar o corpo docente e discente para uma participação conjunta nessa produção artística envolvendo de forma interdisciplinar conteúdos de outras disciplinas. A avaliação foi diagnóstica, processual com o intuito não de julgar, mais acolher de forma amorosa todos os participantes que contribuiriam participando das atividades integradoras e na confecção dos materiais para divulgação e apresentação. Dessa forma, enquanto pedagogo e músico, pude perceber a importância da Arte, da Música para a educação dos sentimentos, dos sentidos rumo a uma formação mais humanizada, algo que pretendo expor neste capítulo.

4.1 Definindo a metodologia e apresentando o sarau aquarela nordestina no Estágio Supervisionado I

No capítulo anterior abordei a importância dos Estágios Supervisionados no curso de Pedagogia para a minha formação docente. Expliquei o conceito de prática e teoria e como compreendi, concordando com Pimenta (2006) que argumenta que o estágio se caracteriza como a superação da fragmentação entre teoria e prática a partir do seu conceito de práxis.

Pimenta (2006) apontou para o desenvolvimento do estágio como uma atitude investigativa, que envolve reflexão e intervenção na realidade, ou seja, na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade. O Estágio Supervisionado III na Rádio da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia ensejou reflexões relevantes sobre o uso desse instrumento poderoso que é o rádio na educação. A importância deste veículo de comunicação na minha formação faz-se presente até hoje e, enquanto pedagogo e músico, reacendeu memórias da minha relação particularmente com o rádio musical que impulsionou a canção popular no Brasil a partir dos anos 40 e 50 do século XX.

Partindo dessas memórias, que surgiam à medida que criava o roteiro das atividades da Rádio para a gravação do programa “*Durma com Essa*” e da minha vivência com a música popular, nasce a proposta do sarau em torno da ideia de que a linguagem musical - algo especial que fora apresentada a mim por meio deste veículo de comunicação -, também pode ser utilizada como instrumento de intervenção na realidade como bem lembra Pimenta (2006) O sarau estabelece uma articulação com o rádio na medida em que ambos constituem uma “cena”, um “circuito”, e um “movimento”, em que cada participante tem o seu papel específico. Na rádio, eu fui locutor, editor, divulgador, roteirista, mas revezava essas funções com outros colegas estagiários. Em outro momento, no sarau, eu assumi o papel de organizar o evento, mas também fui locutor, divulgador, operador de som, declamei poesia, cantei e toquei violão. Sobre o fato da experiência como locutor na rádio Rádio da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia - o que me proporcionou muito prazer- lembro que no sarau, como esclarece Tennina (2017), o dispositivo central desses eventos é um simples microfone em torno do qual se reúnem todos os presentes, e que passa de mão e mão, unindo corpos nessa manipulação compartilhada. Ora, esse compartilhamento também houve na rádio, pois todos passaram por essa experiência de fazer uso do microfone. Ao contrário da rádio, o sarau é muito propício a ser feito com pouca estrutura. Basta ter o espaço e o microfone. Este último para Tennina (2017) é a arma do poeta. Na Rádio Rádio da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia também fui poeta, declamando uma poesia “Intertexto” de Bertolt Brecht fortalecendo a manifestação do lúdico promovendo aprendizagem.

O rádio, a vivência do “*Durma com Essa*” e o sarau nos estágios são vivências estéticas que apontam para um novo plano no qual a educação humana salta da uniformidade para a pluralidade, da homogeneidade para a heterogeneidade, da especialização para a generalidade ativa, a generalidade necessária para se poder trabalhar em equipe, visando a resolução de problemas. (GALEFFI, 2017, p. 62). Ainda de acordo com Galeffi (2017) não basta mais “transmitir” conhecimentos através de uma modelagem dos meios que podem ser replicados ou

repetidos do mesmo modo que qualquer experimento científico. Corroboro com autor porque este propõe uma educação radicalmente nova que busca reintroduzir a natureza complexa da subjetivação humana. Em suas palavras é defendido que:

[...] É preciso agora proporcionar a aprendizagem efetiva de competências e habilidades para o saber-fazer, o saber-conhecer e pensar, o saber viver-junto, o saber em toda a sua completude e diversidade. [...]. A saída da modelagem disciplinar do “ensinar”, para a entrada da modelagem interdisciplinar e transdisciplinar do “aprender” vem requisitando uma nova Didática Geral, que deixe de ser propriamente a “arte de ensinar” e se torne primacialmente “a arte de aprender” [...]. (GALEFFI, 2017 p.63)

A vivência na rádio educação corrobora com a assertiva de Galeffi, assim como a proposta de práticas pedagógicas lúdicas visando essas aprendizagens que para mim são bastante significativas. Ao ingressar no componente Arte e Educação do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia me deparei com essa palavra “interdisciplinaridade”. No início acreditava ser algo impossível de se pôr em prática. Entretanto ao longo desse memorial trago autores que corroboram com essas ideias a exemplo de Pimenta (2006) e Galeffi (2017). Tanto na Rádio Rádio da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, quanto no Sarau eu trabalhara de forma interdisciplinar, pois:

A interdisciplinaridade, campo da Ciência, corresponde à necessidade de superar a visão fragmentadora de produção do conhecimento, como também articular e produzir coerência entre múltiplos fragmentos que estão postos no acervo de conhecimento da humanidade. Trata-se de um esforço no sentido de promover a elaboração de sínteses que desenvolvam a contínua recomposição da unidade entre as múltiplas representações da realidade. (LÜCK, 2013 p. 42).

Aqui chego ao *Sarau Aquarela Nordestina*. Este evento partiu da necessidade de se conhecer a extensa diversidade cultural que a Região Nordeste agrega como também inseri-la na realidade dos alunos considerando o conhecimento e a cultura que cada um destes trazem. Nesse sentido, a pluralidade cultural como um dos temas transversais tem como finalidade trabalhar com outras culturas, costumes e conhecimentos para a formação do indivíduo rumo uma convivência mais respeitosa. O evento aconteceu no mês de junho de 2018, justamente quando ocorre a festa popular do São João no Nordeste. A diversidade vista na escola como um dado da realidade humana conduz ao entendimento de valorização das diferenças entre as pessoas promovendo essa diversidade cultural nordestina fruto de heranças culturais de portugueses colonizadores, negros e índios que aqui deixaram suas contribuições para a formação de nossas tradições.

Nessa perspectiva, o Sarau é um evento cultural marcado pelo encontro de diversas ações artísticas podendo envolver dança, poesia, círculos de leitura, sessão de filme, música, bate papo filosófico, pintura teatro etc. Este tipo de evento, no âmbito escolar, promove além de momentos prazerosos, o aprendizado favorecendo o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, afetivos, e emocionais desde que, na minha compreensão, seja pedagogicamente planejado. Daí a importância também de se envolver os educandos no planejamento desses eventos. Segundo Libâneo (2010) é um processo de sistematização e organização das ações, um instrumento de racionalização do trabalho pedagógico que articula a atividade escolar com os conteúdos do contexto social.

Mas busquemos, então, a etimologia dessa palavra: sarau. De acordo com Tennina (2017), a palavra “sarau” não é nova. Várias canções, romances, crônicas e relatos memorialísticos europeus e latino-americanos do século XIX fazem referência a essas reuniões exclusivas de artistas, políticos e livreiros, que com variada frequência encontravam-se nas casas de determinados personagens da alta sociedade ou em espaços onde se desenvolvia a sociabilidade intelectual daquela época. Ainda de acordo com Tennina (2017), o vocábulo deriva etimologicamente do termo latino *serum*, que significa relativo ao entardecer, ou seja, período em que se davam as reuniões, os encontros. O nome diz muito sobre essas manifestações que por aqui datam do século XIX e início do século XX e se configuravam como os mais elegantes da sociedade. Porém à época, os saraus reuniam os ditos “seres iluminados” que tinham gosto pela música e pela literatura desfrutando do luxo, do requinte dos grandes salões em que os poetas e músicos consagrados exibiam suas artes entre quitutes e bebidas finas.

Os Saraus viraram tradição com a chegada da família real em 1808 e ganharam notoriedade no Rio de Janeiro. Uma reunião marcada pela presença da aristocracia com requintes da cultura europeia. No caso do Brasil, por exemplo, o Palácio Imperial, em Petrópolis, era conhecido pelos saraus promovidos por D. Pedro II. Por conta da vida cultural que girava em torno da família real, a cidade de Petrópolis se tornaria uma referência nesse sentido:

Em fevereiro de 1859, o jornal O Parahayba, registrou: “Petrópolis anima-se. A emigração da corte aumenta a cada dia, as casas alugam-se, os hotéis enchem-se, e os divertimentos se sucedem como as trovoadas, e os carros se cruzam como raios. Há bailes populares, saraus burgueses, saraus aristocráticos, cavalinhos artificiais, jogos de argolinha, há jantares, há missa todos os domingos e dias santos, representa-se, canta-se e dança-se no teatro, fazem-se e pagam-se visitas, há enfim jornais para ler, jornais para rir e caricaturas que enjoam” (MORITZ SCHWARCZ, *apud* TENNINA, 2017, p. 113)

Ainda segundo Tennina (2017), os Saraus constituíam um microcosmo social que evidenciava uma sociedade em formação, caracterizada pelo reposicionamento dos indivíduos que vivenciavam a passagem de um passado agrícola e patriarcal para um mundo urbano, sustentado por novas alianças e disputas de poder. Em São Paulo o movimento também esteve presente impulsionado pelos ricos barões do café tendo como precursor o gaúcho Freitas Vale no bairro de Vila Mariana. Os encontros eram marcados com música, bons vinhos, discussão sobre arte, literatura e política. Por ali passaram precursores do modernismo como Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Manoel Bandeira, Tarsila do Amaral, Paulo Prado e outros.

Os Saraus foram desaparecendo à medida que avançava o século XIX, mas no início do século XXI, foram sendo tirados do esquecimento e ressignificados. Com o tempo os saraus foram abandonando as formas luxuosas desses encontros requintados e chegaram à periferia funcionando como um importante instrumento de comunicação que dá voz a grupos dos mais variados. Para Damatta (*apud* TENNINA 2017, p. 115) como todo deslocamento de um “domínio de origem” para outro, não se tratou de uma mera cópia dos saraus elegantes das casas das elites paulistas, e sim da produção de uma série de inovações que os levaram a diferenciar-se a partir de uma operação de apropriação livre que manteve apenas o rótulo “sarau” e a proposta de um encontro em torno da arte como elemento central.

Portanto, levando em consideração a atual situação da arte e cultura em nosso país o sarau nasce dessa necessidade de criar espaço que proporcione a toda e qualquer pessoa a manifestação cultural que queira compartilhar, a socialização da comunidade escolar com os moradores do bairro e um despertar das múltiplas habilidades que professores, estudantes, coordenadores pedagógicos possuem, todos podendo ser envolvidos na organização desse evento cultural capaz de se estender e ganhar outros ambientes. A ideia principal do sarau é inserir a arte e a cultura através desse potente estimulante de aprendizagem que é a música nas escolas, mas a princípio era necessária uma ação inicial. Do ponto de vista filosófico e sociológico a noção de ação é sempre referida a objetivos, finalidades, meios (PIMENTA, 2006). Denominamos de ação pedagógica uma vez que depois de algumas conversas com docentes que nos traziam alguns alunos para fazer algumas atividades foi proposto a ideia do sarau à coordenadora pedagógica da escola. Dessa forma, a ação envolveu instigar os professores e incentivar os alunos, procurando alternativas para envolvê-los: café literário, jogos e brincadeiras, confecção de literatura de cordel, e a música que perpassava todas essas atividades.

A escolha do tema, em linhas gerais foi uma forma de afirmação existente em nossa nação levando ao conhecimento e a valorização das características culturais e étnicas dos povos

que compõe a nossa sociedade, o que nos leva a pensar sobre nossas origens como povo brasileiro. Atividades festivas são muito comuns nas escolas, por isso o sarau é muitas vezes visto como uma festa de encerramento do semestre. Contudo, é importante pontuar que a minha ideia foi inserir a arte e a cultura como forma de auxiliar na aprendizagem dos alunos tendo como foco a pluralidade cultural da região nordeste de forma que dialogue com alguns dos eixos da Alfabetização e do ciclo do Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos que vai do 5º ao 9º ano. Após a definição do tema iniciou-se a pesquisa e a escolha do repertório que privilegiou os clássicos de Luís Gonzaga¹¹ “Rei do Baião” e Dominginhos¹² sob a orientação da supervisora e coordenadora pedagógica. Lembrando que Gonzaga foi um destes artistas que foram impulsionados pela “Era de Ouro” do rádio como expliquei no primeiro capítulo. Gonzaga soube como ninguém, contar a história de forma poética do povo nordestino assim como suas agruras fugindo da seca.

O presente trabalho foi desenvolvido no período do mês de junho na Escola Municipal Padre José Anchieta que fica na Rua Henriqueta Martins Catarino, SN - Federação, Salvador, Bahia, no turno noturno com os estudantes da Educação de Jovens e Adultos do ciclo do Ensino Fundamental que vai do 5º ao 9º, e da Alfabetização. A metodologia contou com um planejamento flexível que se organizou da seguinte forma: A 1ª etapa: Elaboração do mini projeto e Preparação com a escolha da temática a ser trabalhada com a turma, bem como a escolha das músicas que dialogam com a temática. Estas foram “Olha pro céu”, “Xote Ecológico”, “Asa Branca”, “A vida do Viajante”, “Aquarela Nordestina” e “Qui nem jiló”, todas de Luís Gonzaga. “Pedro, Antônio e João”, gravada por uma das grandes cantoras da “Era de Ouro do Rádio, Dalva de Oliveira; “O sanfoneiro só tocava isso”, de Tônico e Tinoco, “Eu só quero um xodó” e “Tenho sede” de Dominginhos. Além disso, o diagnóstico da escola e das turmas, seleção de materiais a serem trabalhados no sarau, levantamento dos recursos materiais disponíveis na escola, e planejamento das ações, divulgação e (dinâmica de sala de aula). 2ª etapa: motivação para o desenvolvimento do sarau que visa contribuir com o processo de aprendizagem dos educandos de modo que se amplie o repertório linguístico, pois se constitui uma temática rica onde podem ser explorados diversos tipos de linguagem. A variação linguística a partir das letras de Luís Gonzaga tem um grande valor expressivo. O resgate de

¹¹Luiz Gonzaga do Nascimento nascido em 13 de dezembro de 1912 foi um compositor e cantor brasileiro. Conhecido como o Rei do Baião, foi considerado uma das mais completas, importantes e criativas figuras da música popular brasileira. Faleceu em 2 de agosto de 1989

¹²José Domingos de Moraes nascido em 12 de fevereiro de 1942, conhecido como Dominginhos, foi um instrumentista, cantor e compositor brasileiro. Exímio sanfoneiro, teve como mestres nomes como Luiz Gonzaga e Orlando Silveira. Teve em sua formação musical influências de baião, bossa nova, choro, forró, xote e jazz. Faleceu em 23 de julho de 2013.

brincadeiras, culinária típica e valorização das tradições culturais para que os educandos possam conhecer e incorporar e preservar os saberes culturais da região Nordeste. 3ª etapa: ações. Aqui busquei trabalhar de forma interdisciplinar envolvendo as áreas de conhecimento, proporcionando condições de conhecimento da cultura popular entrelaçado com as seguintes áreas. a) apresentação da história da região Nordeste, bem como seu valor dentro de nossa nação, destacando os aspectos sociais (geografia da seca, meio ambiente, economia) e religião. Jogo mercado, correio bilhete, poesia, literatura de cordel, atividades escritas, adivinha, aulas expositivas, confecção de cartazes, debates em sala de aula, organização e exposição do material confeccionado para os alunos, rodas de conversa. 4ª etapa: a culminância do sarau. Este procurou valorizar a música nordestina desde o xote ao baião, homenageando seu expoente maior, Luís Gonzaga, com breves comentários sobre sua vida e suas canções. *O Sarau Aquarela Nordestina* foi desenvolvido através de declamações de poesias de autores da literatura popular a exemplo de Patativa do Assaré¹³, além de músicas populares algumas escolhidas pelos próprios educandos da Educação de Jovens e Adultos como “Xote Ecológico”. Os mesmos, aliás, foram os protagonistas devido a sua participação ativa e contribuição. Este evento foi uma estratégia que visa o desenvolvimento de habilidades orais, escritas e cênicas voltadas para as expectativas de aprendizagem objetivando elevar os índices de linguagem e socialização por meio desse poderoso estimulante lúdico que é a música.

No dia do evento, assim que os estudantes chegaram a escola foram distribuídos programas com as atividades. A acolhida dos alunos foi feita com cantigas de roda e músicas ambiente no refeitório. Em um primeiro momento foi proposto situações didáticas com atividades lúdicas e jogos, a saber: jogo mercado de palavras e “Cordelista, eu?” atividade de construção de texto em forma de quadrinha. A segunda atividade foi a do “Correio Elegante”, onde uma pessoa passava carregando uma cesta com papéis e caneta para mandar um recado (de forma anônima ou direta) para determinada pessoa. Podia ser uma palavra, uma frase, ou um desenho. Este momento foi muito animador, pois quando se divulgava o nome de quem recebeu a mensagem todos se alegravam e o riso se fazia presente. Depois disso abriu-se a roda de cantigas com as canções juninas com a proposta da dança das cadeiras. A música começava “Com a filha de João, Antônio ia se casar, mas Pedro fugiu com a noiva, na hora de ir pro altar...” as pessoas iam rodando em torno das cadeiras ao som da música. Quando a música parava, todos deviam se sentar e falar uma letra inicial solicitada no início da brincadeira pela professora. Houve também o jogo das argolas. O objetivo era acertá-las em um quadro que

¹³Antônio Gonçalves da Silva, mais conhecido como Patativa do Assaré nasceu 5 de março de 1909, foi um poeta popular, compositor, cantor e improvisador brasileiro. Veio a falecer em 8 de julho de 2002.

estava disposto de forma horizontal com garrafas de argolas que o interessado escolhia para jogar e a pescaria. Esta última era uma caixa com areia e peixes para pescar feitos com material reciclado. Dessa forma, os alunos se sentiram acolhidos e mesmo aqueles mais reservados se dispuseram a participar cada qual ao seu modo das atividades que considero integradoras para o processo de desenvolvimento do sarau.

4.2 Avaliando do Sarau aquarela nordestina enquanto possibilidade lúdica de diálogo entre a teoria e prática

O tema e as atividades partiram da realidade dos educandos para estimulá-los visando seu interesse em aprender. As diversas atividades: motivadoras e integradoras que antecederam ao sarau estiveram voltadas para ampla variedade de costumes, paladares, jogos, brincadeiras, música, e da festa presente em nosso contexto, ou seja, o São João do Nordeste. É importante destacar que o sarau não foi uma festa para encerramento do semestre e da minha atividade de estágio. Aliás, essa é uma crítica que reitero neste memorial, pois houve diversas atividades pedagogicamente planejadas que antecederam à culminância do sarau e, dessa forma, abordamos a nossa diversidade cultural, estudando riquezas da região, suas raízes culturais, sendo uma ótima oportunidade de perceber os aspectos sociais da Região Nordeste que trazem elementos próprios, como a linguagem, os símbolos que representam fatos históricos, além da arte, alimentação com comidas típicas que trouxemos no encerramento do sarau. A música nordestina consegue traduzir tudo isso de forma simples, poética, algo que encanta e desperta a curiosidade dos educandos para o tipo de linguagem e o vocabulário do homem do sertão.

Dito isso, houve uma aprendizagem significativa que procurou respeitar as especificidades da Educação de Jovens e Adultos envolvendo-os no processo de construção de conhecimentos em que estes iam se reconhecendo enquanto sujeitos inseridos nessa cultura aproximando teoria e prática. Demos início ao *Sarau Aquarela Nordestina* valorizando a diversidade cultural nordestina, no dia 20 de junho de 2018, quando recebemos os estudantes no portão de entrada da escola. Todos ganharam um brinde com caneta, lápis e borracha e folhetos de literatura de cordel. Para eles foi um momento muito especial, pois se sentiram acolhidos e queridos. Antes da música levantamos alguns conceitos sobre a temática, com a qual ao longo do mini projeto fomos problematizando em atividades com os mesmos.

No decorrer desse mini projeto que culminou com o Sarau, foram realizadas as mais diversas atividades com os educandos a partir da apresentação de histórias da Região Nordeste

bem como seu valor dentro da nação brasileira. Citei a “Triste Partida” de Patativa do Assaré que trouxe recordações e reflexões importantes de uma aluno que lembrou de seus pais que fugiram da seca em busca de condições melhores de sobrevivência. Também os aspectos sociais e religiosos estiveram presentes. Como procedimento metodológico desenvolvemos atividades escritas, aulas expositivas, confecção de cartazes, adivinhas, a preparação de receitas onde eles puderam colocar em prática seus conhecimentos sobre a culinária nordestina destacando a importância da matemática para o nosso dia a dia para ao final do sarau podermos degustar essas iguarias durante o evento.

Encerramos o projeto ao som de voz e violão. Alguns brincaram de fazer apercussão para me acompanhar. Todavia, antes disso, ensaiei com eles algumas músicas a exemplo de “Eu só quero um Xodó”, de Dominginhos para que eles ouvissem e assimilassem a letra que fora apresentada e cantada no dia do sarau e, por sugestão de uma estudante, o “Xote Ecológico” de Luís Gonzaga. Dessa forma, todas as atividades foram teóricas e práticas, pois envolveram os educandos que construíram seu processo de conhecimento de forma lúdica, aberta, livre e descontraída, possibilitando quem sabe, emergências de inovações sociais, culturais e políticas por parte da própria comunidade escolar.

Para mim, esse evento foi bastante proveitoso para qualificar minha prática docente a partir de uma nova experiência: organizar um sarau. Enquanto músico principiante em saraus com amigos eu não tenho obrigatoriedade do planejamento pedagógico visando desenvolver o processo de aprendizagem. É apenas pelo prazer da música como dizia os antigos, entretanto a música na educação tem uma intencionalidade pedagógica que visa a aprendizagem. Paraphraseando Galeffi (2017), em sua *Didática Filosófica Mínima*, o mínimo aqui significa o necessário para o aprendizado de conteúdos que são essenciais à formação humana. Acredito humildemente que isso foi possível, apesar das dificuldades de se trabalhar com uma turma da educação de Jovens e Adultos, pois alguns apresentam um grande déficit cognitivo que impede o avanço da aprendizagem desses conteúdos essenciais que são: leitura escrita e cálculo. Daí a importância da ludicidade que pode se fazer presente nesses eventos culturais.

Apesar disso, pode-se dizer, para concluir, que o sarau Aquarela Nordestina possibilitou a construção de aprendizagens lúdicas superando a tão decantada fragmentação entre teoria e prática (PIMENTA, 2016). Lembrando esta autora: uma epistemologia da prática docente que buscou intervir na realidade da escola trazendo o desafio de inserir os educandos na linguagem da arte, da música, de ampliar vivência estéticas, desenvolver o potencial criativo e, algo que julgo de suma importância: a inclusão destes estudantes no processo de aprendizagem de forma lúdica.

A proposta do Sarau não se tratou de ensino da música, mas um momento de pesquisa sonora em que ocorre a mistura entre os elementos que os estudantes trazem de suas memórias, vivências, ou experiências musicais com os sons que estão descobrindo na escola. Dessa forma, o sarau proporcionou, assim, momentos de autoconhecimento e um convite para que os estudantes revissem suas atitudes e valores (musicais ou não). Será que o que ouvimos hoje respeita a tradição das músicas juninas? Alguns alunos demonstraram ter senso crítico sobre isso, pois algumas manifestações musicais não são forró. “Isso não é música de São João, parece carnaval!”, disse um estudante. Qual o papel da mídia de massa – aqui cito o rádio -, na valorização da nossa música popular junina? Onde encontrar essas tendências musicais que não estão na mídia? No Sarau eles puderam experimentar os sons disponíveis: a batida do baião no violão, o xote, o arrasta-pé. Essas questões estão em sintonia com as diretrizes curriculares nacionais para Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2002, p. 84), pois incentiva os estudantes a pensar e movimentar suas ideias e compreensões musicais promovendo debates que envolvem os conhecimentos, as habilidades, as concepções e gostos musicais de cada um. O sarau proporcionou que eles fossem sujeitos da própria aprendizagem incentivando o pensamento crítico sobre a música no contexto das festas juninas.

Um outro aspecto trabalhado, que considero de especial relevância, diz respeito ao evento como instrumento lúdico que favoreceu a tomada de consciência da construção da nossa própria identidade cultural, no plano pessoal e no contexto em que vivemos e da história do nosso país. Temos ainda uma visão homogeneizadora e estereotipada de nós mesmos, o que nos leva a não ter consciência dos nossos enraizamentos culturais. (MOREIRA; CANDAU, 2013). O Sarau Aquarela Nordestina possibilitou o desvelamento de determinados pertencimentos culturais, sendo possível recolhê-los, nomeá-los e trabalhá-los e isso é um exercício fundamental. A nossa cultura regional foi posta em sala de aula, quando privilegiamos não apenas a comunicação verbal, mas outras formas de comunicação humana, como a corporal, e a artística, por meio do sarau evidenciando a ancoragem histórico social dos conteúdos essenciais à formação do ser humano como nos ensina Galeffi (2017).

Ao término do sarau fizemos uma auto avaliação sobre nossa prática docente refletindo sobre o que disse Luckesi (2011). O autor se manifesta dizendo:

Defino a avaliação da aprendizagem como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação, por si, é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo. Para compreender isso, importa distinguir avaliação de julgamento. O julgamento é um ato que distingue o certo do errado incluindo o primeiro e excluindo o segundo. A avaliação tem por base acolher uma situação, para, então (e só então) ajuizar a sua qualidade, tendo em vista dar-lhe suporte de mudança, se necessário (...). (LUCKESI 2011, p.205)

A avaliação como ato diagnóstico, tem por objetivo a inclusão e não a exclusão. Avalio o Sarau nessa perspectiva, pois estava tratando com estudantes jovens e adultos, alguns analfabetos, outros com déficit de aprendizagens. Precisava acolhê-los considerando a situação como ela é, através de um ato amoroso de não julgar. Historicamente privilegamos a aferição dos aspectos cognitivos da aprendizagem e isso é fruto da herança da Pedagogia Jesuítica. Porém, quando chamei um estudante para dentro do círculo em “Fui a Salvador comprar um chapéu” onde ele cantava e dizia seu nome, foi com o intuito de incluí-lo dentro do círculo de aprendizagem. A avaliação foi diagnóstica e processual com o objetivo de auxiliar o educando no seu crescimento nos seus aspectos cognitivos, sociais e afetivos, por meio da integração consigo mesmo, ajudando-os na apropriação dos conteúdos significativos (conhecimentos, habilidades, hábitos e convicções). Dessa forma, caminhamos juntos no sarau como sujeitos em processo de constituição de si mesmos, como sujeitos existenciais e cidadãos. Alguns ficaram mais acanhados, não quiseram cantar, nem dançar. Nessas horas temos que ter sensibilidade para não forçar situações. Uma atividade pode ser lúdica para uns e não ser para outros. Uma música pode tocar as emoções de um estudante a exemplo de “Eu só quero um Xodó”, de Dominginhos. Uma estudante, já senhora, de uns 78 anos, me acompanhou enquanto eu tocava violão cantando toda a letra e depois a escreveu corretamente no papel. Ela adorava as músicas de Dominginhos, ajudou a decorar o ambiente para o sarau e serviu bolo de milho feito e trazido por para o evento.

Assim, a arte apareceu aqui como um campo de conhecimento sensível, descolado da rigidez das outras disciplinas, foi o momento da expressão, de não ser avaliado pelo erro, da formação humana. Esses saberes permeiam a educação dos sentimentos, o conhecimento das emoções e do entendimento das diferentes formas de Arte e cultura que dão significado ao entendimento das diferenças. Estamos falando de uma modalidade de ensino em que as pessoas são muitas vezes carentes de afeto e se sentiram incluídas nesse evento. Daí porque não entender a educação, ela mesma, como algo lúdico e estético? Essa pergunta feita por Duarte Jr (1991) acresce novos sentidos à educação porque demonstra que a Arte educa. Fugimos da linearidade da linguagem, pois através da experiência estética, da música, ampliamos outras formas de conhecimentos: os sentimentos pela convivência com os símbolos da Arte que são a música, a poesia, a culinária, o cordel. Por outro lado, o pensamento lógico, racional esteve presente com seus símbolos (linguístico, matemáticos etc.), contudo esses conhecimentos podem ser ampliados pela convivência com a Arte.

4.3 Análise e reflexão sobre a prática artística no contexto escolar como estímulo para a aprendizagem

Os pedagogos têm o enorme desafio de inserir nossos educandos na linguagem da Arte, de ampliar o repertório artístico nas diferentes estéticas, ou seja, de envolver a Arte, aproveitando o potencial criativo dos mesmos. Lembro que durante a apresentação do programa ‘*Durma com essa*’ na Rádio da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, gravamos alguns depoimentos indagando sobre como os estudantes de Pedagogia vêem o curso. Entretanto, faltou perguntar o que a Arte representa para eles. Pensar sobre isso pode contribuir com os componentes curriculares que tratam da área nos currículos de Pedagogia. Se a Arte não é entendida como área de conhecimento, dificilmente será uma constante na formação intelectual dos professores e na elaboração do trabalho docente.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, o pedagogo pode ministrar aulas de todas as áreas de conhecimento. Mas para isso é preciso que este tenha a partir da inserção da Arte uma preparação pedagógica com a perspectiva de uma formação artística cultural. Durante as aulas no componente Arte-Educação essas questões foram discutidas. O incentivo ao relato e a vivência de experiências estéticas foi com o intuito de despertar nossa personalidade cultural. A professora doutora em Arte-Educação, Urânia Maia chamava a atenção para a importância dos professores frequentarem teatro, ir a concertos musicais, shows, cinema, pois como adquirir uma formação artística cultural, ensinar Arte, se eu não vivencio essas manifestações? Isso nos leva a pensar sobre a formação profissional e perfil dos educadores que atuam como mediadores no desenvolvimento dos educandos no ensino da Arte.

Esse diálogo entre a Arte e a educação pode ser construído interligando-se à formação do ser humano. Nessa vivência do sarau importante trazer a contribuição de Duarte Jr, quando este diz que:

Assim, a própria educação possui uma dimensão estética: levar o educando a criar os sentidos e valores que fundamentem sua ação no seu ambiente cultural, de modo que haja coerência, harmonia, entre o sentir e o pensar e o fazer. Caso contrário, estamos frente à tendência ‘esquizóide’ de nossos tempos: a dicotomia entre o falar e o fazer, entre o pensar e o agir, entre o sentir e o atuar. (DUARTE JR, 1998, p.18)

Essas ações indicam uma formação que inclua vivência estética, criação artística, ampliação de repertório em Arte, autonomia nas diferentes linguagens, metodologias e fundamentos de ensino. O componente curricular Arte-Educação proporcionou essas reflexões através de seminários em que havia uma parte teórica e outra de vivências. Ali pude perceber que as experiências que a Arte proporciona fortalecem os princípios de uma educação emancipadora, coerente, harmoniosa entre o sentir, o pensar e o fazer. Nas vivências os sentimentos foram caminhos de conhecimento e descobre-se, além da decodificação de significados de linguagem, a expressão de sentimentos.

Dessa forma, o *Sarau Aquarela Nordestina* também foi uma vivência. Um jogo (dialético) entre o que é sentido (vivido) e o que é simbolizado (transformado em palavras ou outros símbolos). De acordo com Duarte Jr. (1998) de certa forma, esse é o jogo entre o sentir e o pensar já que o pensamento sempre se dá através das palavras. O sentir através das emissões sonoras da música e o pensar a palavra do ser no mundo. A ideia do sarau enquanto práxis docente que busca romper com a dicotomia entre teoria e prática foi trazer conceitos (símbolos) que estivessem em conexão com as experiências desses educandos da Educação de Jovens e Adultos. Enquanto prática artística, buscou-se que os alunos se expressassem através da Arte, da música, para construírem seus conhecimentos enquanto sujeitos para que elaborassem seus sentidos em relação ao mundo.

Dessa forma o Sarau se constituiu num estímulo permanente para que a nossa imaginação flutue e crie mundos possíveis, novas possibilidades de ser e sentir-se ainda mais quando pensamos numa modalidade de ensino historicamente alijada de atividades e aprendizagens lúdicas. O contato com essa turma da Educação de Jovens e Adultos foi bastante enriquecedor. Nestas experiências em sala de aula realizadas toda terça-feira, no período noturno, durante um mês foram regados a café literário, lidos poemas, produção de literatura de cordel, música, jogos e brincadeiras. Dessa convivência surgiram laços de afetividade e confiança integrando docentes, professores regentes e discentes nas relações de formação como demonstrou o engajamento de todos na construção do sarau.

A prática artística auxilia no processo cognitivo do cérebro, além da capacidade de interpretação, criação, percepção e de inteligência. Ainda percebo que na escola não se cria, mas se reproduz aquilo que já existe. Ora, a Arte se constitui num estímulo permanente para que nossa imaginação flutue e crie mundos possíveis, novas possibilidades de ser e sentir. Segundo Duarte Jr. (1991), pela Arte a imaginação é convidada a atuar, rompendo o estreito espaço que o cotidiano lhe reserva. É algo que se sente. Eu estava ali atuando enquanto pedagogo e músico quando da apresentação do sarau, Interagia com o público presente, olhava

o repertório, anunciava a próxima música contando um pouco de sua história. As pessoas ouviam, aplaudiam, cantavam. Mas, para que isso ocorresse, é preciso conhecer a nossa cultura. Conhecer é ir buscar lá, nas origens, é vivenciar. É por isso que Duarte Jr nos diz que Arte-Educação não significa treino para alguém se tornar artista. É algo que envolve a criação de um sentido para vida, e que emerge dos nossos sentimentos peculiares. Aqueles sentimentos dos quais falei no primeiro capítulo – que vem das influências da família nordestina, da música radiofônica que me apresentou cantadores da alma sertaneja como Luís Gonzaga, das vivências nos saraus com alguns desses cantadores.

Na escola, há um fosso profundo entre o que se fala e o que se faz. Entre teoria e prática – discuti essas questões no capítulo sobre estágio -, contudo refletindo sobre essa relação com as práticas artísticas o que importa não é produto final obtido, mas sim, o processo de criação. Processo esse em que o educando deve elaborar seus próprios sentidos em relação ao mundo em sua volta. Eventos culturais como o sarau devem ser periódicos com essa intencionalidade, caso contrário tornar-se-ão festas comemorativas, de encerramento de semestres letivos fazendo com que a educação deixe de ser entendida como atividade lúdica, fundada na relação e no diálogo. A música, o jogo e o brinquedo em que nos envolvemos prazerosamente em busca de uma harmonia é um estímulo para que cada um exprima aquilo que sente e percebe.

Segundo Marcelino (2012), raramente a atividade lúdica é considerada pela escola, e quando isso ocorre, as propostas são carregadas pelo adjetivo “educativo”, que perdem a possibilidade de realização do brinquedo, da alegria, da espontaneidade, da festa. A prática artística na escola pode contribuir de modo efetivo para o encontro da pluralidade cultural do povo. A escola, ainda de acordo com Marcelino enquanto agência mediadora entre a cultura popular e a erudita deve facilitar esse encontro tendo o professor um papel diferenciado nessa direção.

Na escola encontramos diferentes realidades. Há alunos que se identificam com a chamada literatura marginal da periferia e que, ao mesmo tempo participam da cultura Hip-hop. Encontrei um jovem no estágio supervisionado I que aprecia Mano Brown – o cantor dos Racionais MC’s, por exemplo. Este, por sinal, frequenta o Sarau da Vila Fundão, no bairro do Capão Redondo, em São Paulo. A presença do hip-hop também pode ser percebida nos grafites pintados nas paredes laterais de escolas – inclusive a que estagiei e em muitos bares. A linguagem corporal, as roupas folgadas de muitos jovens caracterizam a comunidade Hip-hop. E os professores conhecem, estudam essas manifestações? A quebra, a mimica, a expressão corporal e a dança (Menino, o que é isso?!) Na verdade são expressões artísticas que esses jovens já trazem para a escola e que muitas vezes são desconhecidas pela maioria dos

professores. De acordo com Tennina (2017), que estudou sobre os saraus na periferia de São Paulo, muitos participantes dos saraus destacam que sua entrada para o mundo da escrita se deu por meio de letras de rap. Da mesma forma, esse jovem que tive a oportunidade de conhecer no Sarau Aquarela Nordestina ouviu muito essa vertente musical. A escola deve estar atenta a toda forma de expressão artística. Sergio Vaz (2007, p.51) provoca:

A minha poesia,
Apesar de pouco e a rala,
Cabe na tua boca
Dentro da tua fala.

Conceber o Sarau Aquarela Nordestina me levou a refletir sobre a minha prática artística a partir dessa provocação de Sérgio Vaz; que poesia passa a ser algo que qualquer um pode fazer e que é qualificável não mais através de adjetivos grandiloquentes, e sim, com um adjetivo concreto, simples, direto, assim como as letras de Gonzaga que tocam a alma do sertanejo. Que há outras formas de expressão artística e que temos que estar atentos para rever nossa prática e incluí-las.

Ser músico no sarau da escola, ser poeta, é compartilhar vivências e sentimentos íntimos. É visualizar o ator social a partir de sua capacidade e competência para mobilizar recursos materiais e simbólicos para transformar a realidade como ensina Pimenta (2006). Essa agência da Arte se traduz não somente na valorização das manifestações culturais e da nossa história, mas também como uma relação de intercâmbio cujo vetor principal repousa na ideia de amparo e afeto. O perfil do sarau não foi moldado pelo organizador, mas sim por certas características dos estudantes da educação de Jovens e Adultos. Estes construíram seu aprendizado, deram sentido à prática, a decoração com bandeirinhas de festa junina, cartazes. Por outro lado, há a questão da identidade, o eixo comum construído a partir de decisões do grupo sobre o que cantar, biografias pessoais ou característica dos bairros, que se traduzem também em “ser nordestino”, “ser popular”, “negro”, “mulher”. Enfim, a Arte na escola desnuda todas essas formas de se expressar, de se reconhecer enquanto sujeito.

Por fim, poder-se-ia, então, acrescentar que a Arte proporciona uma maior vivência dos sentimentos e, desta forma, parafraseando Duarte Jr. (1991), abrange o processo da aprendizagem como um todo, e não apenas sua dimensão simbólica, verbosa, palavresca, como ainda insiste em fazer a escola. Por isso postulo a necessidade de recuperação do lúdico pela escola, de modo especial no início do processo de escolarização. Muitos estudantes da Educação de Jovens e Adultos foram alijados desse processo. Isso é apenas o início do diálogo,

o começo da ação política que deve ser buscada na própria cultura infantil lúdica que esses estudantes não aproveitaram. O Sarau Musical que englobou várias expressões artísticas foi apenas um instrumento para erigir essas reflexões.

Ainda refletindo sobre o papel da música em sala de aula defendo que a escola precisa de momentos de prazer e entretenimento, e é praticamente consensual que uma aula com música ou um evento com a mesma, tende a ser mais marcante e estimulante que uma aula tradicional sem maiores atrativos estéticos. Penso que música trabalha as emoções, mas também com sugestões cognitivas, informações e referências simbólicas.

Entusiastas da música, artistas, bem como professores das disciplinas de arte, de história e humanidades defendem que a música precisa ser ensinada nas escolas como forma de estabelecer contato com a chamada “alta cultura”, consagrada pela crítica e pelos estudiosos. Evidente que sim. Concordo que a escola deve trazer o que de mais significativo a sociedade humana produziu em suas diferentes áreas de atuação por sua beleza e relevância como afirma Saviani. Para ele:

Se os membros das camadas populares não dominam conteúdos culturais, eles não podem fazer vales os seus interesses, porque ficam desarmados contra os dominadores, que se servem exatamente desses conteúdos, culturais para legitimar e consolidar a sua dominação. (SAVIANI, 2007, p.61).

O alerta de Saviani é importante para contextualizar o trabalho com música nas escolas. Entretanto, estabelecer o conteúdo de música como apenas válido ou consagrado pela tradição pode nos levar a incorrer nos critérios de bom e mau gosto musical e aqui devemos ter cuidado. Não há dúvidas que, se por um lado autores como Beethoven, Tom Jobim, Beatles, Chico Buarque são fundamentais para quaisquer trabalhos dentro ou fora de disciplinas de música ou de artes, que tenham como objetivo discutir a formação de repertório dos estudantes, por outro lado, é importante que essa formação de repertório não seja construída desconsiderando a cultura popular, a força da cultura de massa e a experiência dos estudantes com a música em sua vida e em sua relação com o centro geográfico em que vivem.

Essa ideia de lugar me remeteu ao componente curricular Geografia para o ensino fundamental cursado no curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia, pois nela discutíamos os conceitos de lugar, espaço geográfico, território. Pensando na temática do Sarau Aquarela Nordestina a fruição estética das obras consagradas privilegiou os autores que cantam a região nordeste através de uma variedade rítmica bastante rica e a inclusão das mesmas no repertório dos estudantes. Isso constituiu-se num fator facilitador da percepção musical rumo a aprendizagem, pois faz parte da cultura que os mesmos já constituíram e já receberam da

sociedade. Portanto, esse é o legado das gerações anteriores, algo essencial quando abordamos a especificidade da Educação de Jovens e Adultos como possibilidade de crescimento e desenvolvimento desses estudantes em sua relação com o mundo, assimilando a perspectiva da crítica da sociedade que vivemos e de seus problemas.

Por fim, a experiência na Rádio FACED me demonstrou que assim como a rádio web foi incorporada pela educação assim também devem ser incorporadas outras linguagens, como game, logo, fotografias e vídeos que fizemos para registrar o Sarau. As tecnologias não devem ser usadas para repetir práticas tradicionais, mas sim com a finalidade de estimular a participação dos estudantes como nos ensina Pretto (*apud* OLIVEIRA, 2018) demandando a posição ativa dos mesmos. Entretanto, para Oliveira (2018) as mídias podem transformar a escola em um espaço de produção de conhecimento desde que estejam providas com bons equipamentos de produção multimídia, com computadores potentes de edição e de banda larga, para que a internet possibilite a difusão de todo o material produzido. Fiz o possível e o que esteve ao meu alcance para produzir material juntamente com os estudantes e registrar esses momentos. Acredito que o exercício da produção artística que culminou no sarau foi proveitoso apesar das dificuldades encontradas na nossa rede pública de ensino. Podemos transformar a realidade mesmo com pouco, enquanto lutamos por melhores condições como nos ensina Oliveira (2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É certo que conceber um memorial reflexivo do pedagogo músico e pesquisador me deu a liberdade de escrita trazendo aquelas memórias afetivas oriundas do rádio que impulsionou a canção popular no Brasil - a mesma que busco apresentar em minhas aulas como possibilidade lúdica de aprendizagem. Mas esse trabalho não seria possível se não fosse a oportunidade de estagiar na Rádio FACED web. Este espaço não-formal de produção de conhecimento me abraçou incentivando-me a manifestar de forma própria minhas ideias. “*O Durma com essa*” na Rádio FACED web me trouxe leveza, o riso, a alegria de fazer parte de uma equipe. A possibilidade de fazer escolhas durante a ação pedagógica permite ao estagiário de pedagogia tomar decisões que influenciam a definição dos rumos do seu processo de aprendizagem e isso tem bons reflexos mais adiante. Essa mesma oportunidade me fora ofertada nos componentes curriculares de Arte-Educação, Dimensão Estética da Educação, Educação e Ludicidade, Recreação que deram subsídios para trabalhar de forma lúdica nos Estágios Supervisionados.

Pensando na importância dos estágios para a minha formação docente a questão que se apresenta é sobre como podemos agir em situações concretas, de modo a superar atitudes que potencializem poucos resultados e as transformemos em energia positiva e superadora da atitude dicotomizadora. (LÜCK, 2017). A ideia de fragmentação do ensino não é nova, afirmam os professores e é justamente por esse sentido que a interdisciplinaridade embutida na proposta do Sarau Aquarela Nordestina ganha corpo e vitalidade, como condição para a tão decantada superação dos problemas de fragmentação entre teoria e prática no ensino.

Sabe-se que toda inovação gera resistência, sobretudo quando deixa de levar em consideração a cultura da classe da intelligentsia, a cultura dos grupos onde é implantada mediante a imposição de fora para dentro e de cima para baixo. Como afirmei ao longo deste Trabalho de Conclusão de Curso, o termo sarau não é novo assim como a ideia de interdisciplinaridade não deve ser considerada, no entanto uma inovação em seu sentido pleno, uma ideia nova, muito embora muitos professores as venham usando. O Sarau Musical que ganhou a alcunha de “Aquarela Nordestina”, em alusão a uma canção de Luís Gonzaga cristaliza uma preocupação que seja o interesse pela superação da fragmentação no ensino. E torna-se necessário que assim seja entendida.

Essa é uma caminhada de construção do conhecimento e da prática pedagógica mediante uma nova ótica que se caracteriza como transformação, como vivência intuitiva e experiência

humana que elabora e reelabora, em seu contexto histórico, seu próprio situar-se, sua própria síntese de normas criadoras como bem nos ensina Galeffi (2017) e Lück (2013). Os referenciais teóricos para o Estágio Supervisionado e as experiências dos estágios me apontaram para os problemas relacionados às dificuldades de múltiplos estímulos dissociados e até contraditórios entre si, sobre as pessoas, em seu cotidiano, bem como as dificuldades resultantes da busca de soluções por aspectos isolados elevando o nível de angústia vivencial de professores. Todavia, lembrando Pimenta (2006), essa busca por referenciais que nos ajudem, ou que nos tragam segurança não existem, pois não existem modelos, muito menos receitas para a prática interdisciplinar.

Ao encontrar a modalidade da Educação de Jovens e Adultos percebi que esta apresenta, de fato, um contexto cheio de particularidades em relação ao ensino fundamental regular. Por exemplo: características como a diversidade etária e cultural que precisam ser levadas em consideração em suas concepções e propostas pedagógicas. (Di Pierro, 2005). Mas fica o desafio para mim enquanto educador de assumir uma atitude interdisciplinar, algo que procurei fazer neste exercício da docência associado ao empenho de intervir na realidade de nossa sociedade, de nossas escolas a fim de tornar o trabalho educativo mais significativo e mais produtivo, pois: “A tarefa filosófica implica, assim duas fases: A primeira, crítica; a segunda, criativa. Na busca de sínteses criativas a questão. Não é o próximo movimento da peça, dentro do jogo institucionalizado. A questão é se um novo jogo pode ser jogado”. (ALVES, 1982, p.79).

Portanto, procurei responder a esse apelo tendo ciência dos meus limites. Creio que a “crise escolar” não pode ser vista apenas como “fracasso da Escola em absorver, ou manter, todo o contingente de alunos (MARCELLINO, 2012). Isso não depende de modo exclusivo dela, pois há múltiplas interferências sociais. Inspirado por Alves é preciso apostar na formação de bons jogadores para o jogo social institucionalizado. Dessa forma é que acredito que o “*Durma com Essa*” da Rádio FACED web ao Sarau Musical na escola pode contribuir para uma análise sobre como podemos superar a fragmentação do ensino rumo a práticas pedagógicas que privilegiem a formação global e crítica dos educandos propondo uma alternativa educacional que considere o componente lúdico desde o início do processo de escolarização possibilitando novos valores e questionando a situação vigente. Espero que este trabalho sirva de estímulo para outras pesquisas, pois os Saraus vêm sendo ressignificados como nos ensina Tennina (2017) sendo promovidos nas periferias como forma de afirmação de identidades e de coletivos culturais, podendo ser aplicados também nas escolas enquanto

evento cultural que pode promover a cidadania, a apreciação artística, e desenvolver o próprio senso artístico dos estudantes.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem A. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 2ed , São Paulo, Cortez,1982 .
- ANDRELO, Roseane. **O rádio a serviço da educação brasileira: uma história de nove décadas**. Revista histedbr on-line, v. 12, n. 47, p. 139-153, 2012.
- BRASIL. **Lei 9394 – Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN)**. 1996
- BRASIL. Ministério da Educação. **Proposta curricular para educação de jovens e adultos: primeiro segmento do ensino fundamental**. MEC, Brasília; 2001
- BRASIL. Ministério da Educação. **PROPOSTA CURRICULAR para educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série**. Vol. 1. MEC, Brasília, 2002
- BRASIL. Ministério da Educação. **Proposta curricular para educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série**. Vol. 3. MEC, Brasília, 2002
- COSTA, João Ribas. **Educação fundamental pelo radio alfabetização de adultos e cultura popular por meio de sistemas radiofônicos e recepção organizada**. São Paulo: Empresa Gráfica Editora Guia Fiscal, 1956.
- D'AVILA, Cristina Maria. **Eclipse do lúdico**. Revista FAEEBA, v. 15, n. 25, p. 15-25, 2006.
- DA COSTA, Antonio Maurício Dias; VIEIRA, Edimara Bianca Corrêa. **Na Periferia do Sucesso: rádio e música popular de massa em Belém nas décadas de 1940 e 1950**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 43, 2011.
- DANTE, Augusto Galeffi. **Didática filosófica mínima: ética do prazer-aprender a pensar de modo próprio e apropriado como educar transdisciplinar**. 23 ed. Salvador: Quarteto, 2017
- DI PIERRO, M. C. **Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil**. Educação & Sociedade, 2005.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavales. Malandros y Heroes, Hacia una Sociologia del Dilema Brasileiro**.Fondo de Cultura Econ, 2002.
- DUARTE JR, João-Francisco. **Por que arte-educação?**. São Paulo: Papirus Editora, 1991.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo:Atlas SA, 2008.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. São Paulo: Editora Vozes Limitada 2015.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2012. 7.ed
- LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência: diferentes concepções**. Poésis Pedagógica, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006.
- LIBANEO, Jose Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 10 ed. São Paulo, Cortez,2010

LUCKESI, Cipriano C. **Ludopedagogia: ensaios 1: educação e ludicidade**. Salvador: Gepel, 2000

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna**. Ludicidade: o que é mesmo isso, p. 22-60, 2005.

LUCKESI, Cipriano. **Ludicidade e formação do educador**. Revista entreideias: educação, cultura e sociedade, v. 3, n. 2, 2014.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. Cortez editora, 2014.

MARTÍN-BARBERO, J.; **De los medios a las mediaciones**. Bogotá: Convenio Andrés Bello, 1998.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. **Rádio Escola**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35386>>. Acesso em: 05 de nov. de 2019.

MOREIRA, Antonio Flávio, CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Editora Vozes Limitada, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A origem da tragédia: proveniente do espírito da música**. Madras, 2005.

OLIVEIRA, Luciana Santos. **Rádio Faced web online: Formação de Professores em pauta**. Salvador, 2018.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Artmed Ed., 2002.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 2012.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teórica e prática?** Ed. 11, São Paulo: Cortez, 2012.

PLATÃO. **A República**. 2d. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

PRETTO, Nelson de Luca; TOSTA, Sandra de Fátima Pereira. **Do MEB a WEB: o rádio na educação**. Autêntica, 2017.

RIBEIRO, Silvar Ferreira. Revista da FAEEBA: **Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v.15, n.25, 2006.

ROQUETTE-PINTO, VERA REGINA. **Roquette-Pinto, o rádio e o cinema educativos**. Revista USP, n. 56, p. 10-15, 2002.

ROCHA, Amara. **Nas ondas da modernização: o rádio e a TV no Brasil de 1950 a 1970**. Aeroplano, 2007.

SANTOS, Maria José Etelvina. **Ludicidade e educação emocional na escola: limites e possibilidades.** Revista da FAEEBA–Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 15, n. 25, p. 27-41, 2006.

SARTORI, Anderson. **Legislação, políticas públicas e concepções de educação de jovens e adultos. Educação de jovens e adultos e educação na diversidade.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** Ed .11, rev - Campinas, SP: Autores Associados, 2013

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** Autores Associados, 2017.

SCHÖN, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. **Os professores e sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, v. 2, p. 77-91, 1992

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do belo.** Unesp, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Editora Vozes Limitada, 2008.

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou.** Harbra, 1999.

TENNINA, Lucía. **Cuidado com os poetas! Literatura e periferia na cidade de São Paulo;** Traduzido por Ary Pimentel. – Porto Alegre, RS: Zouk, 2017.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa–ação.**São Paulo: Cortez, 2005, ed 14.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Pesquisa qualitativa. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987, 116-173.

VICENTE, Eduardo; DE MARCHI, Leonardo; GAMBARO, Daniel. **O rádio musical no Brasil: elementos para um debate. Estudos radiofônicos no Brasil: 25 anos do grupo de pesquisa rádio e mídia sonora da Intercom,** p. 530, 2016.

VIEIRA, M. C. **Música erudita ou popular? Os ouvintes dão as cartas na programação do rádio.** Ciberlegenda, v.24, p. 1-7, 2011.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente.** Brasileira. São Paulo, Martins, 1988.

VAZ, Sérgio. **A margem do vento.** São Paulo: Ed. do Autor, 1991.

VAZ, Sérgio; **Subindo a ladeira mora a noite.** São Paulo: Ed. do autor, 1994.

VAZ, Sérgio; **Pensamentos vadios.** São Paulo: Scortecci, 1999.

VAZ, Sérgio. **Cooperifa: antropofagia periférica**. Aeroplano, 2008.

ZABALZA, Miguel A. **O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária**. Cortez Editora, 2015.

WALLON, Henri; DINIS, J. Seabra. **Do acto ao pensamento: ensaio de psicologia comparada**. 1974.